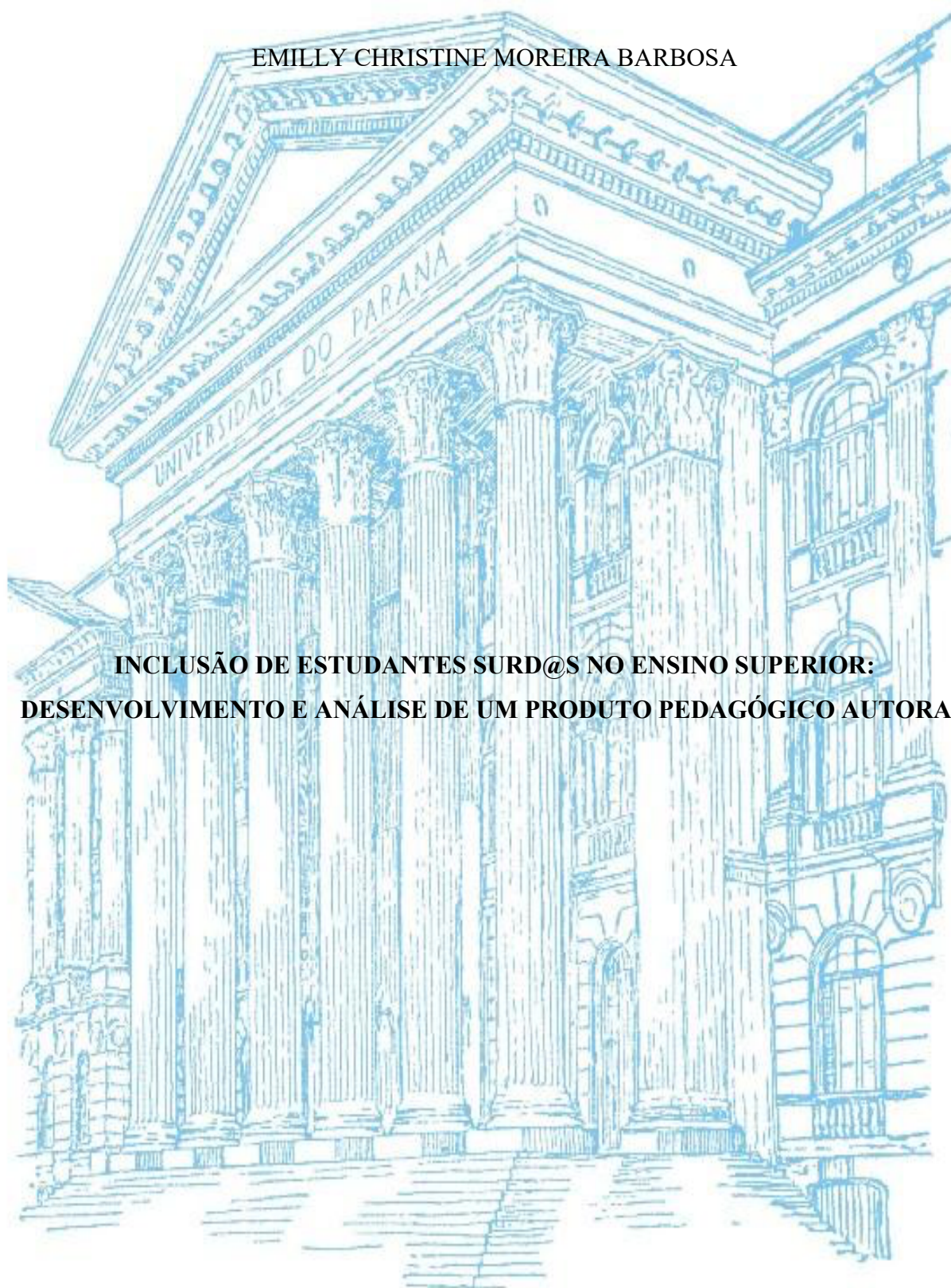


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EMILLY CHRISTINE MOREIRA BARBOSA



**INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR:  
DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE UM PRODUTO PEDAGÓGICO AUTORAL**

CURITIBA

2023

EMILLY CHRISTINE MOREIRA BARBOSA

**INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR:  
DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE UM PRODUTO PEDAGÓGICO AUTORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Lídia da Silva

CURITIBA

2023

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SISTEMA DE BIBLIOTECAS –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**Barbosa, Emilly Christine Moreira**

**Inclusão de estudantes Surd@s no ensino superior : desenvolvimento e análise de um produto pedagógico autoral / Emilly Christine Moreira Barbosa. – Curitiba, 2023.**

1 recurso on-line : PDF.

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Curso de Graduação em Geografia.**

**Orientadora: Profa. Dra. Lídia da Silva**

**1. Ensino superior – Metodologia. 2. Prática de ensino. 3. Pedagogia visual. 4. Estudantes surdos. 5. Língua brasileira de sinais. 6. Letramento. I. Universidade Federal do Paraná. II. Curso de Graduação em Geografia. III. Silva, Lídia da. IV. Título.**

**Bibliotecário: Elias Barbosa da Silva CRB-9/1894**

## TERMO DE APROVAÇÃO

EMILLY CHRISTINE MOREIRA BARBOSA

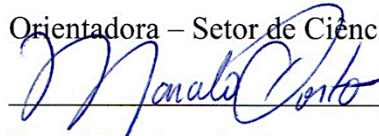
### **INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE UM PRODUTO PEDAGÓGICO AUTORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.



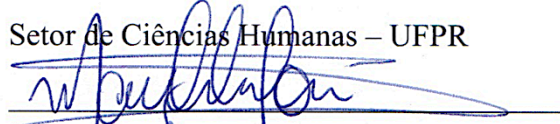
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Lídia da Silva

Orientadora – Setor de Ciências Humanas – UFPR



\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Marcelo Porto

Setor de Ciências Humanas – UFPR



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcos Alberto Torres

Setor de Ciências da Terra – UFPR

Curitiba, 16 de fevereiro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar vida, direcionamento e propósito. A Ele agradeço eternamente por me proporcionar experiências maravilhosas ao longo dessa jornada e por ter me permitido conhecer tantas pessoas especiais.

Aos meus familiares, especialmente ao meu esposo Abimael, ao meu pai Elias, à minha mãe Cristina, à minha irmã Ellen e ao meu cunhado Rodrigo, por todo o amor, carinho, compreensão e incentivo para a realização deste objetivo. Agradeço também à minha tia Eliane, que gentilmente dispôs do seu tempo para contribuir com este trabalho.

Ao meu amigo Renaldo que, ao dividir muitas tardes de estudos e conversas comigo, me permitiu conhecer mais sobre a cultura surda e colocar em prática as metodologias de ensino com foco na visualidade. A ele meu profundo agradecimento por me inspirar na produção deste trabalho.

À minha amiga Angela, com quem dividi as atividades da tutoria e aprendi sobre a produção de materiais visuais, meu sincero agradecimento pela parceria, carinho, paciência e por me ensinar tanto sobre a estrutura e vocabulários da Libras.

À coordenação do curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), corpo docente, pessoal do Laboratório Pedagógico de Geografia (LABOGEO) e amigos pela confiança e interesse em meu trabalho como tutora, me permitindo aprofundar os conhecimentos acerca do tema abordado nesta pesquisa.

Ao coordenador do Curso de Letras Libras, que apresentou a demanda de elaboração de uma cartilha aos(as) professores(as) da UFPR. É uma grande honra poder ajudar na concretização desse projeto.

À equipe da Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD), em especial ao Sérgio por se colocar à disposição para conversar sobre os assuntos relacionados ao desenvolvimento da cartilha e para produzir a videoaula anexada a esta. Ao Peterson, que interpretou a aula, ao Jimmy que fez a captura da imagem, e à monitoria presente no momento da gravação, minha gratidão pela contribuição.

Especialmente à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lídia da Silva, por me orientar com tanta excelência e carinho, e pela sabedoria com a qual me conduziu ao longo da pesquisa e da produção do

produto pedagógico. Agradeço por me ensinar, me envolver com a comunidade surda do curso de Letras Libras/UFPR através do Núcleo de Ensino de Libras (NEL) e por ser, desde o nosso primeiro contato na universidade, um exemplo que desejo seguir.

Aos membros da banca, nas pessoas do Prof. Ms. Marcelo Porto e Prof. Dr. Marcos Alberto Torres, por aceitarem o convite e por contribuírem com este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar uma cartilha que foi desenvolvida para docentes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e visa dar orientações práticas sobre metodologias e ações inclusivas. Para tanto ancora-se, teoricamente, em Kneller (1980), Silva (2002) Campello (2008), Lebedeff (2010), Romário e Dorziat (2016), Fernandes e Moreira (2017), Moreira (2022) e outros(as) para discutir a pedagogia visual, a modelização e o letramento visual. A partir da metodologia descritiva, avalia o material e identifica suas potencialidades. Os resultados apontam que o produto pedagógico autoral se assenta em teorias que valorizam a diferença que caracteriza as pessoas Surdas, e que seu uso, por parte dos(as) docentes, contribui para um ensino mais inclusivo na UFPR. Com base nesses resultados, conclui-se que a inclusão de estudantes Surdos(as) no ensino superior precisa levar em conta procedimentos pedagógicos e atitudinais que evidenciem a sua visualidade.

**Palavras-chave:** Ensino Superior – Metodologia. Prática de ensino. Estudantes Surdos(as). Visualidade. Língua brasileira de sinais. Pedagogia visual. Modelização. Letramento.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze a booklet that was developed for professors at the Federal University of Paraná (UFPR) and to provide practical guidance on inclusive methodologies and actions. For that, it is theoretically based on Kneller (1980), Silva (2002), Campello (2008), Lebedeff (2010), Romário and Dorziat (2016), Fernandes and Moreira (2017), Moreira (2022) and others to discuss visual pedagogy, modeling and visual literacy. Based on the descriptive methodology, it evaluates the material and identifies its potential. The results indicate that the authorial pedagogical product is based on theories that value the difference that characterizes Deaf people, and that its use, by teachers, contributes to a more inclusive teaching at UFPR. Based on these results, it is concluded that the inclusion of Deaf students in higher education needs to consider pedagogical and attitudinal procedures that demonstrate their visuality.

Keywords: Higher Education – Methodology. Teaching practice. Visual pedagogy. Deaf Students. Visuality. Brazilian sign language. Modeling. literacy.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS(AS).....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>METODOLOGIAS COM FOCO NA VISUALIDADE.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2.1</b>	<b>Pedagogia visual.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Modelização.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Letramento visual.....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>O PRODUTO PEDAGÓGICO.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2</b>	<b>ANÁLISE DO PRODUTO PEDAGÓGICO AUTORAL.....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>26</b>
<b>4.1</b>	<b>PEDAGOGIA VISUAL.....</b>	<b>26</b>
<b>4.2</b>	<b>MODELIZAÇÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>4.3</b>	<b>LETRAMENTO VISUAL.....</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>
	<b>APÊNDICE - “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR”.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ingresso de estudantes Surdos(as)<sup>1</sup> em instituições de ensino superior tem aumentado consideravelmente desde a década de 1990, resultado da luta dos movimentos sociais da comunidade surda, que vêm alcançando reconhecimento no âmbito das políticas públicas desde então (JOAQUIM, 2021). Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), esse movimento teve seu início a partir do ano de 2010, com o ingresso da primeira estudante Surda bilíngue no Setor Litoral, mas somente em 2012 passou a haver, de fato, dentro da instituição, um processo educativo que valoriza as particularidades dessas pessoas, através do apoio integral de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) (FERNANDES e MOREIRA, 2017).

Uma década após essa conquista, constata-se que ainda se faz necessário buscar meios para aprimorar práticas que garantam um ambiente de ensino equânime no nível superior (graduação e pós-graduação). Tal constatação é advinda de relatos de gestores(as) Surdos(as), professores(as) que atuam no curso de Geografia onde há um estudante Surdo incluso, profissionais intérpretes e os próprios acadêmicos(as) da UFPR. Se deu também devido a atuação da autora do trabalho em atividade de tutoria vinculada à Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD), desenvolvida junto àquele estudante.

Justifica-se assim a necessidade de desenvolvimento de encaminhamentos que garantam a acessibilidade linguística e a inclusão nos processos educativos. Por isso, com foco no contexto da sala de aula, o presente trabalho desenvolve teoricamente alguns encaminhamentos pedagógicos para a educação de Surdos(as) que visam alcançar essa necessidade. Consideram-se, então, os constructos teóricos da pedagogia visual, da modelização e do letramento que subjazem as metodologias de ensino que ancoram a diferença Surda tanto no âmbito da língua como na esfera de suas percepções da realidade (SILVA, 2002; CAMPELLO, 2008; LEBEDEFF, 2010; ROMÁRIO; DORZIAT, 2016; MOREIRA, 2022).

Com base nesse escopo teórico e tendo por base a premissa da diferença que se afasta da busca pela normalização no ambiente acadêmico, o que envolve o engajamento na garantia dos direitos dos(as) estudantes Surdos(as), foi desenvolvido um produto pedagógico autoral, em formato de cartilha, intitulado “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO

---

<sup>1</sup> O termo escrito com “S” maiúsculo se afasta da perspectiva da deficiência e apresenta o(a) Surdo através de uma perspectiva cultural e política (NUNES; PORTELA, 2017)

SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR”, o qual tem o objetivo de orientar e demonstrar métodos inclusivos.

Sendo assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo geral analisar o referido produto pedagógico autoral que visa apresentar orientações práticas acerca de encaminhamentos pedagógicos visuais voltados para estudantes Surdos(as). Busca-se especificamente avaliar o produto pedagógico autoral à luz dos princípios teórico-metodológicos da pedagogia visual e modelização didática, e descrever suas potencialidades e contribuições ao ensino superior. Para tanto, definiu-se a seguinte pergunta de pesquisa: “quais são os princípios teórico-metodológicos da pedagogia visual, da modelização e do letramento visual encontrados no produto pedagógico “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR”?”

Definida a estrutura do trabalho, apresentam-se as partes que o compõem: na seção 2, serão discutidos os procedimentos indicados à educação de Surdos(as); na parte 3, os procedimentos metodológicos do estudo são expostos e na parte 4, os dados são apresentados e discutidos. As considerações finais encerram o trabalho.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com a educação de Surdos(as) que ocorre na modalidade inclusiva em contexto de ensino superior e, em específico, com os processos metodológicos desenvolvidos nas salas de aula da UFPR.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentam-se os procedimentos pedagógicos para a educação de Surdos(as) e também as metodologias com foco na visualidade.

### 2.1 PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS(AS)

O ingresso de estudantes(as) Surdos(as) nas universidades carrega consigo a necessidade do aprofundamento em estratégias e métodos que tornem as aulas acessíveis e inclusivas e que estejam de acordo com suas particularidades culturais. Para isso, faz-se necessário modificar perspectivas a respeito da pessoa Surda pois, por vezes, ainda “o surdo é visto como portador de uma deficiência física, que precisa de recursos ou intervenções cirúrgicas para se tornar ‘normal’ e fazer parte do grupo majoritário na sociedade em que vive” (GESSER, 2009, p. 63).

Essa, entretanto, não é a forma como o grupo em questão se define, nem a forma como são reconhecidos e mencionados neste trabalho, pois “quando os surdos discutem sua surdez, eles usam termos profundamente relacionados com a sua língua, seu passado, e sua comunidade” (PADDEN; HUMPHRIES, 1988, p. 44 *apud* GESSER, 2009, p. 67). Como defende Perlin (2001), o conceito de corpo danificado deve ser rejeitado quando se deseja falar sobre identidades surdas, e este exercício levará a uma representação da alteridade cultural.

Os(as) Surdos(as) possuem uma identidade cultural que, segundo Strobel (2008, p. 24), “é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais (...)”. Por isso, Romário e Dorziat (2016) afirmam que a visualidade contrapõe a ideia de deficiência e de necessidade do som para estabelecer relações, como constantemente se é difundido na perspectiva ouvintista.

A visualidade também compõe a identidade cultural dos(as) Surdos(as). Strobel (2008) aponta que a cultura surda possui particularidades e “artefatos culturais”, sendo o primeiro deles a experiência visual, “em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades” (STROBEL, 2008, p. 38). O segundo artefato cultural é o linguístico, a língua de sinais, que é “uma das principais marcas da identidade de

um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos [...]” (STROBEL, 2008, p. 44).

No caso do Brasil, o artefato cultural linguístico é a Libras, reconhecida como forma de comunicação e expressão oriunda de comunidades Surdas do Brasil em 24 de abril de 2002, através da Lei 10.436/2002, que também a descreve como sendo um sistema linguístico visual-motor com estrutura gramatical própria e ainda garante, como papel do poder público, o apoio ao seu uso e difusão (BRASIL, 2002). Esta Lei foi posteriormente regulamentada pelo decreto 5.626/2005, que reconhece como Surda a pessoa que “por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.” (BRASIL, 2005).

Dessa forma, a Libras compõe o leque de línguas produzidas e faladas no território brasileiro, o que refuta a ideia de um país monolíngue. A Libras é, portanto, um patrimônio cultural, sendo oriunda dos povos Surdos, mas pertencente ao Brasil e utilizada por todos que compõem a comunidade surda, sejam Surdos(as) ou ouvintes (IPHAN, 2017).

Relacionando os dois artefatos culturais do povo Surdo anteriormente mencionados, segundo Skliar (2001, p 102), a visualidade dos(as) Surdos(as) tem sido abordada somente como uma “capacidade cognitiva e/ou linguística de produzir e compreender informação em uma ou várias línguas de sinais”, entretanto, esta envolve “todo tipo de significações comunitárias e culturais que, é claro, se refletem na língua de sinais” (SKLIAR, 2001, p 102).

É por isso que neste trabalho defende-se que no ensino superior, além da acessibilidade linguística, é necessário garantir aos(às) Surdos(as) uma aprendizagem que vá ao encontro da diferença que os(as) caracteriza, ou seja, com estratégias que valorizam a sua visualidade uma vez que “o uso da língua de sinais por si só não é suficiente para proporcionar às alunas Surdas e aos alunos Surdos a apropriação de conceitos” (ROMÁRIO; DORZIAT, 2016, não p.).

Em razão disso, os autores colocam que faz-se necessário associar a língua de sinais às imagens visuais, de forma que os indivíduos possam adentrar na cultura surda, pois os recursos visuais somente farão sentido “se fizerem parte de suas elaborações culturais, recheadas de conhecimentos e experiências” (ROMÁRIO e DORZIAT, 2016, não p.).

Tal recomendação visa mitigar “as maiores dificuldades educacionais enfrentadas por estudantes surdos [às quais] ocorrem exatamente pela utilização de métodos

descontextualizados que enfatizam a oralização, não a visualidade”. (GOMES, BENTES e CALIXTO (2021, p 1714).

Uma vez que a surdez é uma experiência visual, significa que a compreensão da pessoa Surda e seus mecanismos de processamento de informações se constroem através dessa visualidade (SKLIAR, 2001). Por isso, quando os métodos de ensino seguem apenas parâmetros tradicionalmente estabelecidos para um público ouvinte, sua aprendizagem é prejudicada.

Por muito tempo as definições no âmbito da educação de Surdos(as) foram pensadas e feitas por ouvintes e expressavam uma busca pela cura dessas pessoas (PERLIN; STROBEL, 2006), não dando espaço para que eles(as) próprios pudessem se posicionar acerca dos parâmetros que favorecem sua aprendizagem. Apesar de existirem atualmente produções coerentes acerca da educação de Surdos(as), embasadas nas experiências e posicionamentos pessoais dessas pessoas, ainda se encontra na sociedade a reprodução de práticas ouvintistas e oralistas<sup>2</sup>.

Isso, em grande parte, é consequência do Congresso de Milão<sup>3</sup>, de 1880, que provocou uma crise entre a cultura surda e a educação por mais de um século, e deixou marcas que perduram até hoje (PERLIN; STROBEL, 2006). Neste congresso, que aconteceu em 11 de setembro na Itália, foram colocados em pauta os métodos de ensino para Surdos(as), e por votação de uma maioria oralista, a língua de sinais foi proibida em detrimento do oralismo. Segundo Perlin e Strobel (2006, não p.), o “Congresso de Milão provocou um ‘rombo’ que ocasionou a queda de educação de surdos e agora os povos surdos estão criando forças e ânimo para levantarem-se e lutarem pelos seus direitos à educação.”

Por isso, este trabalho sustenta-se em produções teóricas de autores(as) Surdos(as) e de autores(as) ouvintes que são reconhecidos pela comunidade, adotando uma perspectiva que se afasta da busca por tornar o(a) Surdo(a) semelhante ao ouvinte e enfatizando que a busca pela inclusão se distancia da ideia de busca pela “normalização”, pois, conforme defende Ross

---

<sup>2</sup> Segundo Skliar (2001, p. 15), o ouvintismo diz respeito às “representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos”, em que “o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” enquanto o oralismo é “a forma institucionalizada do ouvintismo”.

<sup>3</sup> “Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro, do total de 164 delegados, os 56 eram oralistas franceses e os 66 eram oralistas italianos. Havia 74% dos oralistas de França e da Itália e o Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Bell foi professor de surdos oralista, ele ficou famoso pela invenção de telefone, seu aparelho gerou grande interesse público e recebeu um prêmio na época, embora que inicialmente a intenção de inventar o telefone era para servir como apoio de treinamento auditivo dos sujeitos surdos.” (PERLIN; STROBEL, 2006, não p.)

(2006, p. 283) “as práticas inclusivas são radicalmente contrárias a qualquer tentativa de anular a diferença porque acabariam levando à colonização e à anulação do outro”.

Retomando, então, a diferença que caracteriza as pessoas Surdas e focando no contexto do ensino superior, é a partir da experiência visual que surge o modo como os(as) Surdos(as) entram no conhecimento científico e acadêmico (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218). Por isso, a acessibilidade linguística e o uso de metodologias que dão relevância à visualidade tanto contribuem com o processo de aprendizagem, possibilitando ao(à) Surdo(a) a assimilação dos conteúdos através dos aspectos que constituem sua subjetividade, como também valorizam as características de sua identidade e cultura, reconhecendo-o como parte do conjunto heterogêneo de pessoas presentes na sala de aula.

Através dessas reflexões é possível perceber que a inclusão não envolve apenas o processo de oportunizar o ingresso de estudantes Surdos(as) na universidade, mas também está relacionada à garantia da permanência destes(as) com qualidade e conforto, e entende-se que um importante passo para isso é dado quando há um engajamento por parte dos(as) docentes em adaptar aulas através de estratégias visuais, pois, seguindo as ideias desenvolvidas por Machado (2008, p.24) acerca das práticas inclusivas no contexto da escola regular, há uma tendência de se limitar o processo de inclusão ao acesso físico à escola, sem que hajam mudanças efetivas no modelo pedagógico, o que expressa uma herança clínica, oralista e assistencialista na educação de Surdos(as), situação que se reproduz no contexto da universidade.

Nesse sentido, é necessária a garantia da tradução e interpretação das atividades acadêmicas em Libras, mas também a valorização da experiência visual como forma de os(as) Surdos(as) compreenderem o universo e, portanto, o uso de metodologias que vão a esse encontro, como é o caso das que se valem da pedagogia visual, modelização e letramento.

## 2.2 METODOLOGIAS COM FOCO NA VISUALIDADE

Considerando que “a experiência visual dos surdos não tem sido objeto de análise nem tido espaço especial nos projetos de educação e escolarização dos surdos” (LEBEDEFF, 2010, p. 176), são apresentados a seguir os princípios e exemplos de aplicação de algumas metodologias que focam na visualidade, sendo elas a pedagogia visual, a modelização e o

letramento visual, com o intuito de indicá-las como possibilidades para a prática docente no ensino superior.

Considera-se que as três propostas conversam entre si, e as pesquisas desenvolvidas acerca de cada uma propõem práticas similares que, se aplicadas, enriquecerão o processo de ensino na universidade e a aprendizagem dos(as) Surdos(as) presentes na sala de aula. Tais princípios foram utilizados para a elaboração do produto pedagógico autoral intitulado “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR” (a ser apresentado na metodologia) que é objeto de análise do presente estudo.

### 2.2.1 Pedagogia visual

Na busca pela adaptação de metodologias como forma de valorizar a diferença e garantir a inclusão dos(as) Surdos(as) no ensino superior, os(as) pesquisadores(as) têm abordado possibilidades através da pedagogia visual como prática educacional que corresponde às particularidades da cultura surda: a visualidade e o uso da língua de sinais, conforme Campello (2008), que descreve a pedagogia visual como:

um novo campo de estudos com uma demanda importante da sociedade que pressiona a educação formal a modificar ou criar propostas pedagógicas pautadas na visualidade a fim de reorientar os processos de ensinar e aprender como um todo e, particularmente, daqueles que incluem os sujeitos Surdos-Mudos<sup>4</sup>. (CAMPELLO, 2008, p. 10)

Segundo a autora, a pedagogia visual é direcionada aos(às) Surdos(as) e possui forma estratégica de transmitir as representações e significados baseada nos aspectos culturais e linguísticos do grupo, constituindo, portanto, um dos tópicos da luta da comunidade Surda no âmbito da educação (CAMPELLO, 2008, p. 14). Assim, a pedagogia visual se sustenta no “uso da língua de sinais como língua principal de instrução, uso diagramado (gráfico) da língua

---

<sup>4</sup> Ana Regina Campello se posiciona a favor do uso do termo “Surdo-Mudo”, entretanto, adota-se aqui a perspectiva defendida pela maior parte da comunidade surda, de que este termo é incorreto, uma vez que os(as) Surdos(as) possuem aparelho fonador, e, portanto, emitem sons (GESSER, 2009).

portuguesa escrita, e uso farto de imagens – todos esses elementos funcionando combinadamente como signos visuais” (MOREIRA, 2022, p. 7).

Além de dar ênfase às características e elementos da língua de sinais e seu uso como um dos principais mecanismos da pedagogia visual, desenvolvendo detalhadamente seus aspectos, Campello (2008, p. 149) exemplifica aos(às) docentes ouvintes possibilidades simples de uso do signo visual no processo de ensino, sendo eles: a contextualização e associação através de exemplos e identificação de similaridades; (ii) uso de imagens e observação detalhada para caracterizar especificidades; (iii) o foco no contexto de vida dos(as) Surdos(as) e comparação como forma de diferenciar o mundo ouvinte do mundo Surdo; (iv) o uso da língua de sinais e comparação com o português; (v) o uso de “todos os recursos visuais, como língua de sinais, exposição de DVD, CD, filmes legendados, filmes científicos, filmes nacionais com legendas, filmes estrangeiros, filmes com ficção, como requisito visual para todos” (CAMPELLO, 2008, p. 149).

Moreira (2022) desenvolve uma pesquisa com professores(as) que lecionam Geografia no Cap/INES para estudantes do ensino fundamental, buscando reconhecer as estratégias visuais usadas por estes(as) no desenvolvimento das aulas. Os materiais utilizados envolviam: pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, imagens de satélite, vídeos, mapas, cartogramas, carta, planta, charges, histórias em quadrinhos, maquetes, blocos-diagrama, diagramas (fluxogramas, mapas mentais). De acordo com o autor, a geografia naturalmente se utiliza de recursos imagéticos, e desde os primórdios de seu desenvolvimento esteve associada à produção de imagens.

Para o êxito pedagógico, pensando no desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos(as) Surdos(as), é insuficiente pensar a experiência visual e a língua de sinais separadamente. Garantir aulas expositivas dialogadas em Libras através da tradução e interpretação pode ser insuficiente se esta aula não for planejada com base em práticas que proporcionem a experiência visual dos(as) estudantes Surdos(as) no processo de aprendizagem. Da mesma forma, uma aula que valoriza a experiência visual não é completa sem a mediação através da Libras (ROMÁRIO; DORZIAT, 2016).

Assim, percebe-se que a abordagem acerca da pedagogia visual aponta para o fator cultural, uma vez que ressalta aspectos da cultura surda (a visualidade e a língua de sinais) e defende o seu desenvolvimento. Segundo Romário e Dorziat (2016), os aspectos culturais e a

educação são indissociáveis, e, por isso, a educação do(a) Surdo(a) deve estar de acordo com a sua diferença cultural.

Os autores ainda ressaltam que através da pedagogia visual, não somente os(as) estudantes Surdos(as) são beneficiados, mas a aprendizagem de ouvintes também é potencializada, pois esta facilita o processo para todas as pessoas, “desde que faça sentido no contexto linguístico-cultural em que é desenvolvida” (ROMÁRIO; DORZIAT, 2016, não p.), ou seja, os recursos visuais somados à sinalização dos TILS resultam numa melhor aprendizagem dos(as) estudantes Surdos(as), assim como os recursos visuais somados às explicações orais do(a) professor(a) possibilitarão um melhor entendimento dos conteúdos por parte dos(as) estudantes ouvintes presentes na sala de aula (ROMÁRIO; DORZIAT, 2016, não p.).

### 2.2.2 Modelização

Na busca por metodologias pautadas na visualidade, encontra-se a proposta da modelização. Nessa concepção, os modelos fundamentam o encaminhamento metodológico. Na bibliografia científica existem diversas definições de modelos. Krapas, *et al.* (1997, p. 5), por exemplo, citam a definição de Gilbert e Boulter (1996), de que modelos são representações de ideias, objetos, eventos ou sistemas e apontam a existência de quatro tipos:

o modelo mental (uma representação pessoal, privada de um alvo), o modelo expresso (aquela versão de um modelo mental que é expressa por um indivíduo através da ação, fala ou escrita), o modelo consensual (um modelo expresso que foi submetido a teste por um grupo social, por exemplo a comunidade científica, e que é visto, pelo menos por alguns, como tendo mérito), e o modelo pedagógico (um modelo especialmente construído para auxiliar na compreensão de um modelo consensual). (GILBERT; BOULTER, 1996, *apud* KRAPAS, *et al.*, 1997, p.5).

O modelo pedagógico (ou didático), que é o que mais interessa nesse estudo, possui a qualidade de promover meios para compreensão dos modelos científicos e auxiliar no processo de compreensão e representação pessoal do objeto de estudo, ou seja, ele proporciona o desenvolvimento particular de modelos mentais (GILBERT; BOULTER, 1996, *apud* KRAPAS, *et al.*, 1997).

Há ainda, a classificação de Kneller (1980) que propõe três tipos: representacionais (destacado neste estudo), teóricos ou imaginários. Segundo o autor, o modelo representacional gera representações tridimensionais, como os modelos do sistema solar e maquetes de obras de engenharia. O modelo teórico é aquele que, por meio de pressupostos, atribui estrutura ou mecanismo a um objeto ou sistema e pode ser descrito matematicamente, como o modelo bola de bilhar ou o modelo helicoidal da molécula de DNA, por exemplo. O modelo imaginário se refere a descrição de um objeto ou sistema através de um conjunto de suposições, como é o caso do modelo mecânico do campo elétrico de Maxwell.

O uso de modelos contribui com o processo de aprendizagem, pois permitem uma “visualização” do objeto de estudo e/ou uma experiência prática em relação ao conhecimento científico e teórico. Para fins de ilustração, apresentam-se duas pesquisas:

Silva, T. R.; Silva, B. R.; e Silva, B. M. P. (2018) relatam a utilização da modelização didática para o ensino de biologia, com foco no conteúdo sobre divisão celular, ministrado a uma turma do ensino fundamental. O modelo didático utilizado pelo professor foi a confecção de células, cromossomos e cromatóides com material E.V.A (etil vinil acetato). Como resultado da utilização do modelo didático, os autores destacam a articulação entre teoria e prática por parte dos(as) estudantes e uma melhor fixação do conteúdo. Além disso, apontam que o uso conduz à reconstrução dos conceitos abordados e melhoria na aprendizagem, proporcionando a constituição de modelos mentais por parte dos(as) discentes. Duso *et al.* (2013), relatam o desenvolvimento de um modelo representacional para o ensino de biologia, mais especificamente acerca do corpo humano, em uma turma de ensino médio. Nesse caso, foi feita uma representação tridimensional do corpo humano para que os(as) estudantes compreendessem sua anatomia e fisiologia. Dentre os vários resultados positivos apresentados, destaca-se uma melhor e mais abrangente compreensão do tema em comparação com o estudo teórico por parte dos(as) discentes.

Esses e outros estudos são evidências de que a modelização pode ser uma aliada na elaboração das aulas uma vez que contribui com os mecanismos de raciocínio e com a capacidade de abstração e generalização do conhecimento por parte do aluno (SILVA, M. 2002). Silva, T. R.; Silva, B. R.; e Silva, B. M. P. (2018, p. 1377), mencionam ainda que “o uso de modelos didáticos é importante para uma prática docente alternativa diante de conteúdos conceituais que, muitas vezes, são de difícil entendimento pelos estudantes”.

Por isso, apesar de grande parte da produção teórica acerca da modelização estar voltada para o ensino fundamental e médio, entende-se que esses recursos são positivos para o ensino no contexto da universidade, pois, nesta, há um alto nível de complexidade dos assuntos abordados. Portanto, entende-se que essa prática favorece não apenas o aprendizado dos(as) Surdos(as) através de aplicações que dão lugar à percepção visual, mas também favorece o aprendizado dos(as) ouvintes "auxiliando no processo explicativo e, dessa forma promovendo uma maior compreensão por parte dos estudantes" (DUSO, *et al.*, 2013, p. 34).

### 2.2.3 Letramento visual

Várias áreas do conhecimento têm produzido uma vastidão de estudos a respeito de letramento, que grosso modo, é o processo de ensino da leitura e da escrita de maneira abrangente e contextualizada e por isso, distingue-se da alfabetização, que visa o ensino da decodificação do sistema de escrita. Não é o objetivo dessa seção aprofundar-se nessa questão complexa, todavia, a leitura e a escrita são atividades inerentes à vida acadêmica, e como esse é o contexto de inclusão a que se refere este estudo, é necessário trazer, brevemente, esse tópico à baila uma vez que os(as) Surdos(as), são estudantes que, majoritariamente, falam a Libras e têm níveis variados de proficiência na língua portuguesa.

Quanto a isso, Fernandes e Moreira (2017, p. 142) apontam que “sujeitos surdos estabelecem com o texto uma relação de natureza essencialmente visual, cuja internalização de sentidos depende da mediação da Libras”. Assim, as autoras comentam sobre os desafios postos aos(as) Surdos(as) que utilizam o português como segunda língua quando passam a ter contato com os diversos gêneros textuais presentes no contexto do ensino superior (editais, provas, resenhas, resumos, artigos, fichamentos, etc.), pois estes costumam

[...] causar estranhamento pelos usos da linguagem, do conhecimento técnico veiculado como conteúdo, da ausência de repertório lexical em Libras para sinalizar equivalentes na Língua Portuguesa, pela falta de experiência de interações verbais nessa esfera discursiva, pela complexidade dos conteúdos envolvidos nesse campo epistemológico. (FERNANDES; MOREIRA, 2017, p. 140).

Como solução para essas dificuldades, Fernandes e Moreira (2017, p. 140) indicam “vivência de práticas de leitura e escrita também acessíveis em Libras” e apontam para a necessidade de articulação entre linguagem verbal (Libras e português na modalidade escrita)

e não verbal através de referências imagéticas, como fotos, desenhos, esquemas, símbolos, gráficos, infográficos, tabelas e outros elementos (FERNANDES; MOREIRA, 2017, p.142-143).

Essa combinação atende ao que se chama de letramento visual, que pode ser definido como a "área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto." (OLIVEIRA, 2006, p. 20). No campo da educação de Surdos(as) Lebedeff (2010) aponta algumas práticas de letramento visual: (i) uso de gráfico em árvore, que organiza os conceitos relacionados a um tema e demonstra a relação existente entre eles, sendo o tronco da árvore o tema principal a ser discutido e os galhos as informações a seu respeito; (ii) gráfico em teia, que organiza e sistematiza ideias a partir de um tema principal de forma não linear e hierárquica, possibilitando uma chuva de ideias; (iii) tabela, que organiza os dados e possibilita a sua análise e comparação; (iv) mapa de história, que organiza ideias sem hierarquizá-las para auxiliar o processo de escrita; (v) história em quadrinhos, que através da junção de texto e imagem, facilitam a compreensão. A autora informa que esses e outros elementos visuais (a fotografia, a ilustração, o gráfico, o esquema etc.) precisam tornar-se protagonistas no processo de aprendizagem dos(as) estudantes Surdos(as), e não ser apenas uma representação do que está disposto em formato de texto em um slide, por exemplo.

Além do uso de recursos imagéticos em sala de aula, há a recomendação de que se desenvolva a sua interpretação, através de reflexões acerca de suas significações e sentido, dessa forma, garante-se a possibilidade de entendimento dos conceitos e considerações produzidas por meio destes recursos, afinal, "não basta ser surdo para 'ler' uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias" (LEBEDEFF, 2010, p. 179). Na mesma linha, Oliveira (2006) comenta que vive-se atualmente a era do visual, em que o mundo é percebido através de recursos imagéticos, entretanto, a interpretação destes não é uma prática constantemente realizada, principalmente devido ao imediatismo que caracteriza a sociedade contemporânea. Sendo assim, em sala de aula, a apresentação do texto visual deve ser seguido da prática da interpretação de modo a otimizar a aprendizagem.

No trabalho que foi desenvolvido por Oliveira (2006) em contexto de uma sala de aula com estudantes ouvintes do ensino superior, diversos pontos positivos foram identificados através do uso de estratégias visuais, dentre as quais se destacam: o fortalecimento da motivação dos(as) estudantes, a atração da atenção, o apoio à reflexão crítica, a associação entre escola e mundo real e o engajamento social.

No caso de estudantes Surdos(as), os ganhos são ainda maiores haja vista que, conforme aponta Lebedeff (2010, p. 179), o letramento visual tem a ver com "pensar em como

os surdos leem e interpretam o mundo a partir de suas singularidades linguísticas e culturais; pensar em como os surdos utilizam social e culturalmente a língua escrita.”

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa adota a abordagem qualitativa, que segundo Silveira e Córdova (2009) refere-se a um tipo de análise voltado para o aprofundamento acerca de um grupo social e para aspectos da realidade que não são quantificáveis. No que diz respeito aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, que é um tipo de estudo que descreve um fenômeno ou realidade (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009), pois apresenta o produto pedagógico autoral desenvolvido e o descreve à luz da fundamentação teórica exposta na seção anterior.

Nesse sentido, o trabalho descreve o produto pedagógico autoral intitulado “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR” e o avalia a partir dos pressupostos teóricos da pedagogia visual, da modelização e do letramento visual como estratégias pedagógicas que valorizam a visualidade e, por isso, vão ao encontro das particularidades das pessoas Surdas.

#### 3.1 O PRODUTO PEDAGÓGICO

O produto pedagógico autoral intitulado “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR” foi produzido utilizando recursos *premium* da ferramenta *Canva*, plataforma *online* para criação de *designs* em diversos formatos. Este produto foi desenvolvido para ser acessado, preferencialmente, de forma virtual, já que apresenta *links*, vídeos e botões que estão à disposição do(a) leitor(a) e está disponível em <http://www.letraslibras.ufpr.br/inovacao/> e também no Apêndice I deste trabalho.

A cartilha é composta por dois eixos. O eixo 1 “Primeiros passos” apresenta os passos básicos que devem ser dados pelo(a) docente ao receber um(a) discente Surdo(a). Nessa parte, são apresentadas em tópicos as necessidades de garantir: aulas expositivas dialogadas com Libras, aulas com foco na visualidade e avaliação acessível.

Em “Aulas expositivas dialogadas com Libras” o trabalho dos TILS e da Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD) é descrito. São apontadas algumas dicas aos(às) docentes no que diz respeito ao trabalho dos TILS e a práticas que garantem a inclusão do(a) Surdo(a) na sala de aula.

Ainda neste tópico a forma como a solicitação de TILS deve ser feita à SIPAD é explicada e são esclarecidas questões em relação a antecedência dessa solicitação, horários e imprevistos. É apresentada a importância da tradução de materiais que serão utilizados ao longo

do período letivo e a forma como este pedido pode ser feito. Por fim, são realizadas algumas orientações acerca do tempo para que a tradução seja feita, levando em consideração a forma como a SIPAD tem trabalhado.

Posteriormente, no tópico “Aulas com foco na visualidade” é reforçada a visualidade das pessoas Surdas e, portanto, a importância de serem desenvolvidas práticas que atendam tal característica. Indica-se a pedagogia visual, a modelização e o letramento visual como metodologias para elaborar os materiais a serem utilizados ao longo do período letivo e as dinâmicas de sala de aula.

Com isso, indica-se o uso de: imagens contextualizadas, esquemas, mapas mentais, vídeos legendados ou traduzidos para Libras, tabelas, gráficos, experiência prática e outros. São orientados alguns dos recursos que o(a) docente pode utilizar para a elaboração dos materiais visuais, como *sites* que disponibilizam imagens livres de direitos autorais (*Pexels* e *Pixabay*), ferramentas de criação de *slides* (*PowerPoint* e *Canva*), e é recomendada a visita ao *site* da Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a Distância (CIPEAD) para conhecer outras ferramentas.

No tópico “Avaliação acessível” é explicado o papel dos(as) TILS no processo de avaliação e algumas formas avaliativas são indicadas.

No segundo eixo da cartilha, intitulado “Promovendo a inclusão”, aborda-se acerca das possibilidades para que o(a) docente torne-se um agente institucional da inclusão, contribuindo com a permanência de estudantes Surdos(as) na universidade, a fim de evitar a sua reprovação e evasão no ensino superior. Assim, são apresentadas algumas iniciativas como: acionar a tutoria, aprender Libras, conhecer a comunidade surda, envolver-se e envolver o(a) estudante Surdo(a) em projetos, e combater o ouvintismo.

No primeiro tópico, “Ação a tutoria”, é apresentada esta iniciativa da SIPAD para que estudantes com algum tipo de deficiência tenham o suporte de outros(as) estudantes do curso, bem como são descritas as atribuições do(a) tutor(a). Neste tópico indica-se a possibilidade de criação de materiais adaptados pelo(a) tutor(a) para o estudo com o(a) discente Surdo(a) que seguem as diretrizes anteriormente expostas, a saber: a pedagogia visual, modelização e letramento. Além disso, são colocadas algumas dicas sobre como o(a) docente pode contribuir com os trabalhos desenvolvidos pela tutoria.

Ainda é apresentado o Programa de Orientação Acadêmica (POA), que é um programa de tutoria de docentes dos cursos de graduação e educação profissional, em que estes(as) acompanham a formação dos(as) discentes que solicitam o atendimento e também os(as) orientam acerca das dinâmicas no espaço acadêmico.

No tópico “Aprenda Libras”, é exposta a importância de se aprender esta língua, bem como são indicadas as oportunidades ofertadas pela UFPR para o seu estudo, como os cursos do Núcleo de Ensino de Libras (NEL), do Centro de Língua e Interculturalidade (CELIN) e os cursos da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE).

Em seguida, é desenvolvido o tópico “Conheça a comunidade surda”, que oferece perfis de pessoas Surdas na *internet*, e são indicados alguns perfis do *YouTube* com vídeos traduzidos em voz ou com legenda.

No tópico “Envolva-se e envolva o(a) estudante Surdo(a)”, são apresentadas formas para que o(a) professor(a) esteja engajado(a) com a difusão de práticas e experiências relacionadas ao contexto da inclusão de Surdos(as) na universidade, através da participação em eventos organizados pela SIPAD, por exemplo. Da mesma forma, orienta-se que o(a) professor(a) também contribua com o envolvimento do(a) estudante Surdo(a) na comunidade acadêmica, apresentando sua área de pesquisa e projetos e contando com a colaboração do(a) discente no planejamento de eventos e oficinas, por exemplo.

Por fim, no tópico “Combata o ouvintismo” é apresentada uma videoaula acessível em Libras que foi produzida pela equipe da SIPAD acerca do conceito, das práticas ouvintistas e das formas de combate a estas. Em seguida, são apresentados esquemas que resumem alguns dos temas abordados.

### 3.2 ANÁLISE DO PRODUTO PEDAGÓGICO AUTORAL

A análise do produto pedagógico autoral se deu com base no referencial teórico, portanto, foram observadas as formas como a cartilha intitulada “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR” se assenta na teoria da pedagogia visual, na modelização e no letramento visual, e também foram descritas as suas potencialidades.

As informações foram dispostas de modo que se pudesse comparar as recomendações dos(as) autores(as) de referência sobre a aplicação prática das metodologias com as páginas da cartilha. O conteúdo do produto pedagógico autoral foi assim avaliado mediante pressupostos teóricos da pedagogia visual, modelização didática e letramento visual (conf. o primeiro objetivo específico).

Essa comparação viabilizou a realização de interpretação a respeito das potencialidades que a cartilha oferece à inclusão de estudantes Surdos(as) no ensino superior (conf. o segundo objetivo específico).

Isso posto, na próxima seção traz-se resposta à pergunta de pesquisa, qual seja: quais são os princípios teórico-metodológicos da pedagogia visual, da modelização e do letramento visual encontrados no produto pedagógico autoral “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR”?

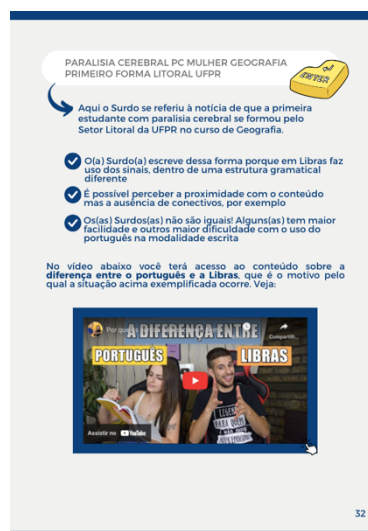
## 4. ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 PEDAGOGIA VISUAL

Observa-se através de Campello (2008) que a pedagogia visual atende às particularidades dos(as) Surdos(as) por se tratar de estratégias de transmissão de ideias que envolvem seus aspectos culturais e linguísticos, quais sejam a visualidade e a língua de sinais. Esses aspectos foram considerados no desenvolvimento do produto pedagógico autoral, seguindo alguns exemplos práticos apresentados pela autora citada.

Especificamente nas páginas 07, 08 e 32, ao abordar as características dos(as) Surdos(as) e sua forma de escrever em português, são apresentados vídeos do *Youtube* em Libras que contribuem para a compreensão e aprofundamento nos conteúdos abordados de forma escrita na cartilha, conforme ilustra a Figura 1. Estes não possuem um caráter de mero anexo, mas são indicados como componente principal de exposição de informações. Dessa forma, a Libras foi incluída e destacada como forma de transmissão de assuntos, o que garante a acessibilidade linguística e também valoriza um dos principais aspectos culturais dos(as) Surdos(as), o que é identificado como uma potencialidade do uso dessa estratégia na produção de materiais no ensino superior.

FIGURA 1 - INCLUSÃO DA LIBRAS NA CARTILHA



Fonte: A autora (2022, p. 32)

Ao longo da cartilha observa-se ainda o protagonismo das imagens e outros recursos visuais para o desenvolvimento de ideias, inclusive, nas páginas 13 a 15, conforme ilustra a Figura 2 abaixo, as imagens são autoexplicativas, porém acompanhadas do texto como forma de tornar ainda melhor a sua interpretação pelo leitor da cartilha. Enxerga-se nesta aplicação uma potencialidade do produto pedagógico autoral para a inclusão de Surdos(as) no ensino superior, pois o uso em sala de aula valoriza a visualidade e também contribui com a compreensão dos(as) ouvintes, conforme visto em Romário e Dorziat (2016).

FIGURA 2 - EXEMPLO DE USO DE IMAGENS PARA A EXPOSIÇÃO DE IDEIAS

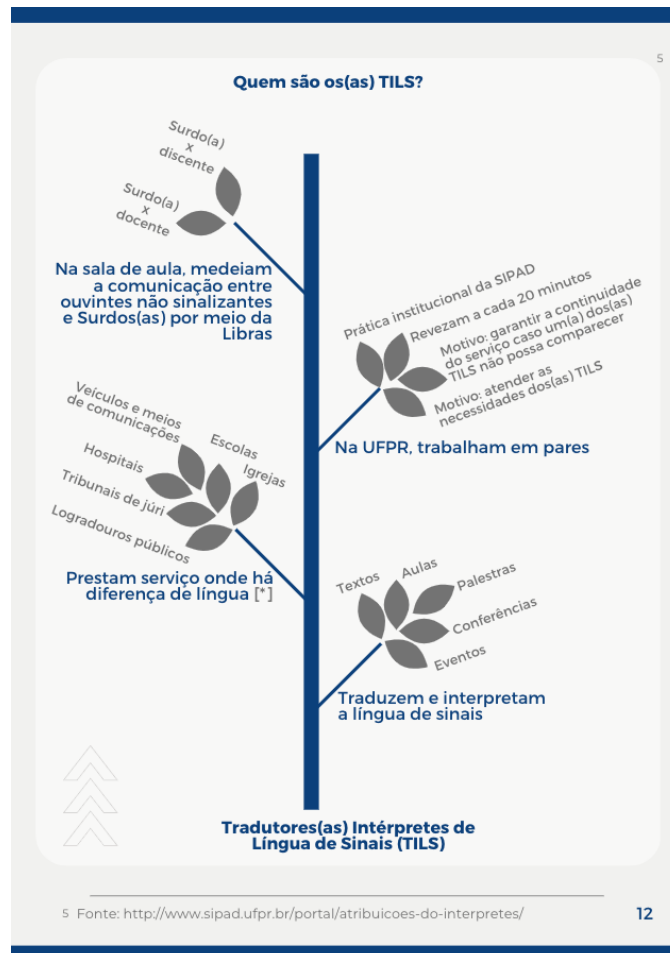


Fonte: A autora (2022, p. 13)

Constatou-se também em Moreira (2022) que além do uso da Libras e de recursos imagéticos, deve ser dada preferência ao uso diagramado da língua portuguesa. Essa recomendação foi identificada na cartilha, visto que em diversas páginas as informações não tomam forma de texto corrido, mas são apresentadas através de gráficos, tabelas, balões ou

tópicos, o que assegura uma organização visual das informações e facilita a leitura, como ocorre, por exemplo, na página 12, ilustrada na Figura 3 abaixo, para apresentar o trabalho dos(as) TILS.

FIGURA 3 - EXEMPLO DE USO DIAGRAMADO DA LÍNGUA PORTUGUESA



Fonte: A autora (2022, página 12)

Considera-se de suma importância o uso dessa estratégia no ensino superior e, portanto, identifica-se que seu emprego na cartilha é uma potencialidade. O uso diagramado da língua portuguesa pode ser facilmente utilizado em sala de aula pelo(a) professor(a) com o apoio do quadro para dinamizar as aulas trazendo um recurso visual que auxilia na apreensão e organização de ideias. Também é possível fazer seu uso para introduzir, concluir ou resumir o assunto de um determinado texto utilizado na disciplina.

O produto pedagógico autoral também se assenta em outros princípios da pedagogia visual apresentados por Campello (2008), como:

- Contextualização e uso de exemplos: na página 23 é dado um exemplo prático sobre como o(a) docente pode se utilizar da experiência para proporcionar melhor compreensão acerca de um assunto em sala de aula;
- Foco no contexto de vida dos(as) Surdos(as) e comparação com o mundo ouvinte: nas páginas 07 e 08, 13 a 16, 29 a 32, 39 e 40 são apresentadas por meio de vídeos e imagens alguns aspectos da realidade da vida dos(as) Surdos(as). Assim, ficam evidentes as diferenças entre as experiências dos(as) Surdos(as) e dos(as) ouvintes, o que permite ao(à) leitor(a) uma maior compreensão do contexto abordado ao longo do produto pedagógico autoral;
- Uso de vídeos com legendas: nas páginas 07 e 08, 32, 38 a 40 e 42 foram utilizados vídeos produzidos em Libras e traduzidos para o português por gravação de voz ou legendas como forma de aprofundar os assuntos desenvolvidos, dessa, o(a) Surdo(a) tem acesso aos conteúdos por meio das duas línguas: o português na modalidade escrita e a Libras, assim como os(as) ouvintes. Essa é uma potencialidade do produto pedagógico, pois mostra aos(as) leitores(as) a importância de se garantir a acessibilidade linguística nos materiais.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o produto pedagógico autoral se sustenta na teoria da pedagogia visual, pois coloca em prática os pilares que a embasam (CAMPELLO, 2008), se utilizando de estratégias visuais e aplicando recursos que envolvem os aspectos linguísticos dos(as) Surdos(as).

#### 4.2 MODELIZAÇÃO

Conforme analisado, existem diversas concepções acerca dos modelos e dentre eles encontram-se possibilidades para um processo de ensino que auxilie a compreensão dos(as) Surdos(as) e valorize a diferença. Foi abordada a classificação de Gilbert e Boulter (1996 *apud* KRAPAS, *et al.* 1997) para os tipos de modelos, dentre os quais se destacou para aplicação em sala de aula e para a produção de materiais o modelo pedagógico (ou didático), que, através de representações, contribui com a assimilação de temas científicos, permitindo uma representação pessoal do assunto estudado.

Em diversas páginas da cartilha, encontram-se modelos didáticos que foram construídos especialmente para auxiliar na compreensão de temas específicos, seguindo a

descrição de Gilbert e Boulter (1996, *apud* KRAPAS, *et al.* 1997, p. 5). Nas páginas 07, 08 e 43, por exemplo, os conceitos teóricos relacionados aos(as) Surdos(as) são apresentados de forma dinâmica, através de aplicações gráficas e com o apoio de vídeos contextualizados, como se pode ver abaixo através da Figura 4:

FIGURA 4 - EXEMPLO DE MODELOS DIDÁTICOS


**! ENTENDENDO O(A) ESTUDANTE SURDO(A) <sup>1</sup>**

Professor(a), ao receber um(a) estudante Surdo(a) lembre-se:

**1**

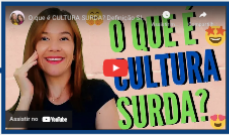
Refira-se ao(à) estudante como **"Surdo(a)"**, pois muitos não se sentem confortáveis com a caracterização surdo(a)-mudo(a) ou "deficiente auditivo(a)". Veja:

- **Deficiente auditivo(a):** termo usual numa perspectiva patológica
- **surdo(a) - "s" minúsculo:** se refere à condição de não ouvir
- **Surdo-mudo:** desconsidera a capacidade de os(as) Surdos(as) emitirem sons
- **Surdo(a) - "S" maiúsculo:** o(a) caracteriza como sujeito cultural e político



**2**

Os(as) Surdos(as) possuem **identidade e cultura próprias**, que representam a forma como essas pessoas percebem, entendem e interagem com o mundo <sup>2</sup>.



<sup>1</sup> Para conhecer mais consulte:  
 GESSER, A. LIBRAS? que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009  
 NUNES, M. V.; PORTELA, M. G. As representações sociais da identidade surda e o direito ao reconhecimento. Revista Mídia e Cotidiano. [S.l.], v. 11, n.1, abril de 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/midiaecotidiano/article/view/9813>.

<sup>2</sup> "Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades Surdas." STROBEL, K. 2008. p.24. **07**

Fonte: A autora (2022, p. 07)

Além de se utilizar de um modelo que torna as explicações mais claras aos(as) leitores(as), a cartilha oferece exemplos que podem servir de base para que os(as) docentes criem e apliquem técnicas semelhantes em seus encaminhamentos metodológicos, o que se apresenta como uma potencialidade e contribuição do produto pedagógico autoral para o ensino superior. O gráfico exposto na página 43 ilustrado na Figura 5, por exemplo, foi oferecido como um modelo para que os(as) professores(as) desenvolvam outros gráficos desse tipo nas explicações dos temas científicos:

FIGURA 5 - EXEMPLO DE GRÁFICO QUE PODE SER UTILIZADO NA PRODUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS



Fonte: A autora (2022, p. 43)

Através do contato com as páginas 07, 08, 32, 38, 39, 40 e 42, em que foram apresentados vídeos produzidos em Libras e traduzidos para o português, o(a) leitor(a) ouvinte pode ter uma experiência semelhante à realidade dos(as) Surdos(as) em relação à acessibilidade, o que proporciona a este a produção de representações pessoais acerca do tema principal, “inclusão de Surdos(as)”. Dessa forma, pode-se dizer que essa estratégia se enquadra no conceito de modelo didático, assim como na pesquisa de Silva, T. R.; Silva, B. R.; e Silva, B. M. P. (2018) a aplicação do modelo didático envolve uma experiência prática para proporcionar compreensão dos conteúdos teóricos.

Percebe-se que a cartilha contribui com o desenvolvimento de modelos mentais, pois o público leitor pode desenvolver suas representações pessoais acerca dos modelos didáticos através do contato com o produto pedagógico autoral. A produção da cartilha também atende o conceito de modelo expresso, pois expõe de forma escrita e visual as representações pessoais da autora acerca dos modelos didáticos. Além disso, por se respaldar nas teorias acerca da pedagogia visual, modelização, letramento visual e estudos surdos, o produto pedagógico autoral, em seu desenvolvimento, está constantemente apresentando modelos consensuais, pois são temas debatidos na comunidade científica (GILBERT; BOULTER, 1996, *apud* KRAPAS, *et al.*, 1997). Considera-se importante esta menção apesar de estes modelos não terem sido destacados como estratégias visuais no ensino de pessoas Surdas.

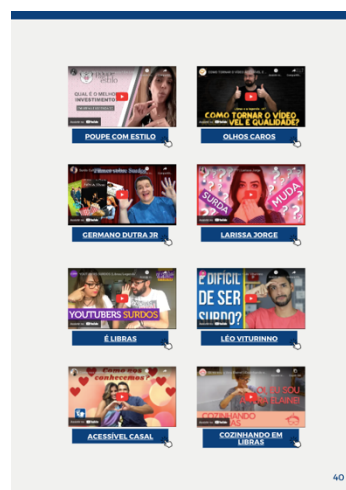
Foi analisada também a classificação de Kneller (1980), e destacado o modelo representacional para o processo educacional inclusivo, pois sua aplicação favorece a experiência visual, tátil e prática, elementos que contribuem com a compreensão dos(as) Surdos(as), conforme analisado em Campello (2008). Por se tratar de um modelo que envolve a criação tridimensional, e, portanto, necessita da prática presencial para a sua elaboração, como pôde-se observar na pesquisa de Duso *et al.* (2013), não houve aplicação da teoria de Kneller (1980) no produto pedagógico autoral.

### 4.3 LETRAMENTO VISUAL

Viu-se que Fernandes e Moreira (2017) defendem a leitura e escrita acessíveis em Libras para a inclusão de estudantes Surdos(as) no ensino superior, e no produto pedagógico autoral tal recomendação foi identificada. Nas páginas 07 e 08 da cartilha, o conteúdo sobre “quem é o estudante surdo”, “identidade e cultura surda”, “Libras” e “língua portuguesa como segunda língua” há adição de vídeos que foram extraídos do *Youtube* juntos aos textos escritos.

Atualmente, os programas de computadores oferecem recursos que são facilmente manipuláveis para inclusão de modalidades visuais (vídeos) em textos escritos no *Word*, por exemplo e, portanto, considera-se essa como uma potencialidade de inclusão da Libras nos materiais oferecidos no ensino superior. Uma prática simples e inclusiva que pode demonstrar respeito à diferença linguística da pessoa Surda. Nas páginas 38 a 40, inclusive, os vídeos em Libras ganham bastante destaque como se pode ver por meio da Figura 6 abaixo:

FIGURA 6 - EXEMPLO DE LEITURA E ESCRITA ACESSÍVEIS EM LIBRAS



Fonte: A autora (2022, p. 40)

Ao longo do produto pedagógico autoral, identifica-se, tal como sugerido por Lebedeff (2010), o protagonismo de elementos visuais na exposição de conteúdo e algumas das sugestões práticas da autora. Nas páginas 11 e 12, o conteúdo é abordado através de gráficos em árvore, que permitem uma análise visual das informações. Nas páginas 13 a 16, as orientações acerca da relação docente/discipente Surdo(a)/TILS são transmitidas por meio de imagens seguidas de interpretação por meio de texto. Nas páginas 21, 24, 26 e 42, os conceitos de pedagogia visual, modelização, letramento visual e ouvintismo são explorados a partir do gráfico chuva de ideias ou gráfico de teia, como também ocorre nas páginas 35 e 37 acerca do trabalho do(a) tutor(a) e dos motivos para se aprender Libras. A Figura 7 abaixo é uma ilustração de gráfico chuva de ideias presente na cartilha e extraída da página 42:

FIGURA 7 - USO DO GRÁFICO CHUVA DE IDEIAS

**5 COMBATA O OUVINTISMO**

Quando a cultura e a diferença dos(as) Surdos(as) são desconsideradas e quando se buscam meios de normalizar essas pessoas devido a uma perspectiva voltada para a deficiência, ocorrem práticas ouvintistas.

No vídeo abaixo você terá acesso ao conteúdo sobre **ouvintismo**. Veja:



Na aula, destacam-se algumas práticas ouvintistas:



Você, professor(a), pode contribuir para que o ouvintismo seja suprimido no ambiente acadêmico. Conforme abordado na aula, algumas das formas de combater o ouvintismo são:

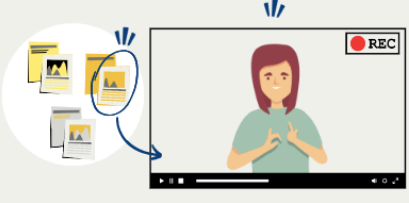
42

Fonte: A autora (2022, p. 42)

O mapa de história, por sua vez, não foi inserido na cartilha por esta não apresentar a criação de uma narrativa. Entretanto, outra prática de letramento visual no ensino para Surdos(as) indicado por Lebedeff (2010) é o uso de histórias em quadrinhos, que na cartilha são inseridas nas páginas 09 e 34 para problematizar o assunto desenvolvido em sequência, e também o uso de tabelas. O conteúdo “tradução de materiais” da página 20 do produto pedagógico autoral poderia ser desenvolvido textualmente, mas, a apresentação em tabela, tal qual sugerido pela autora mencionada, com a separação das informações em linhas e colunas, facilita a interpretação e o torna mais atrativo às pessoas Surdas. A tabela organiza as ideias e torna o conteúdo mais enxuto, conforme ilustra a Figura 8 abaixo:

FIGURA 8 - EXEMPLO DE PROTAGONISMO DE ELEMENTOS VISUAIS NA EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS

▶ TRADUÇÃO DE MATERIAIS	
<b>O que fazer quando se prevê o uso de textos na disciplina?</b>	É necessário encaminhá-los à SIPAD, que fará a tradução destes para que o(a) estudante Surdo(a) possa acessar o conteúdo dos materiais na íntegra. Basta encaminhar para o e-mail: <b>tilssipad@ufpr.br</b>
<b>Quanto tempo leva para os textos serem traduzidos?</b>	1 (um) mês
<b>Por que a tradução de textos demora para ser feita?</b>	Conforme informado pela SIPAD: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudo do texto para garantir o melhor entendimento do conteúdo;</li> <li>• Falta de estrutura física própria para a gravação de vídeos com a tradução do texto;</li> <li>• Prioridade às demandas presenciais [atendimento aos(as) Surdos(as) em sala de aula, eventos, reuniões, etc.].</li> </ul>
<b>Como organizar o uso de textos na disciplina?</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No início do semestre, fazer uma seleção minuciosa dos materiais que serão utilizados na disciplina;</li> <li>• Encaminhar para a SIPAD solicitando a tradução;</li> <li>• Utilizar em sala de aula somente quando o(a) estudante Surdo(a) tiver recebido o material traduzido.</li> </ul>



20

Fonte: A autora (2022, p. 20)

Identificou-se que a produção da cartilha também concorda com o que é desenvolvido

por Fernandes e Moreira (2017) quando ressaltam a importância de, na educação de Surdos(as), associar a linguagem verbal (Libras e português na modalidade escrita) e não verbal (através de recursos imagéticos). No produto pedagógico autoral, os recursos imagéticos são seguidos de interpretação em texto (OLIVEIRA, 2006) o que reforça a possibilidade de afirmar que toda a cartilha relaciona a linguagem verbal e não verbal.

Entende-se com base no aporte teórico do letramento visual que o uso e interpretação das imagens, gráficos e tabelas no processo de ensino são o meio principal de exposição de informações e permitem a compreensão para além da linguagem verbal. O uso de tais recursos ao longo do produto pedagógico autoral demonstram que este se assenta nos princípios do letramento visual (LEBEDEFF, 2010), sendo, portanto, um exemplo aos(às) docentes das possibilidades de se apresentar conteúdos e informações através dessas estratégias visuais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, constata-se que o produto pedagógico autoral intitulado “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR” atende aos fundamentos da pedagogia visual, modelização e letramento visual como metodologias que contribuem com a aprendizagem e com a inclusão de Surdos(as) nos processos educativos no contexto do ensino superior.

Identifica-se que, em seu desenvolvimento, a cartilha está de acordo com os princípios teórico-metodológicos nos quais se sustenta, pois valorizou os aspectos da visualidade e explorou alguns exemplos de aplicação apresentados pelos(as) autores(as) de referência que abordam as teorias da pedagogia visual, modelização e letramento. A pergunta de pesquisa “quais são os princípios teórico-metodológicos da pedagogia visual, da modelização e do letramento visual encontrados no produto pedagógico autoral “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR: Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR?” é respondida por meio de uma análise que relaciona as recomendações dos(as) autores(as) referenciados com as páginas da cartilha que atendem a esses pressupostos.

Além disso, através da análise realizada neste trabalho, avalia-se que a cartilha contém potencialidades e contribuições ao ensino superior, pois esta se apresenta como uma base através da qual os(as) docentes podem desenvolver seus encaminhamentos metodológicos, tanto pelo conteúdo exposto de forma clara e direta, como pelo uso das estratégias visuais, o que contribui com a compreensão acerca da prática das teorias utilizadas.

Dessa forma, o potencial do produto pedagógico está em apresentar, de maneira objetiva, orientações para o uso de estratégias visuais que podem ser adotadas pelos(as) professores(as) da UFPR que atendem estudantes Surdos(as), entretanto, as dicas também são válidas para docentes que lecionam em outras universidades, bem como podem ser utilizadas no contexto do ensino básico. A cartilha também contribui com as práticas pedagógicas no ensino superior ao dar pistas aos(às) docentes leitores(as) acerca das formas de uso e aplicação das estratégias visuais da pedagogia visual, modelização e letramento, além de ser um material acessível aos(às) Surdos(as) por se utilizar desses recursos em grande parte de sua elaboração. Se utilizando dessas estratégias, abordadas e exemplificadas no material autoral, os(as) docentes poderão contribuir com a permanência de estudantes Surdos(as) na universidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 21 jun. 2022.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.626%2C%20DE%2022,19%20de%20dezembro%20de%202000](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.626%2C%20DE%2022,19%20de%20dezembro%20de%202000). Acesso em: 21 jun. 2022.

CAMPELLO, A. R. S. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos**. Florianópolis: UFSC, 2008. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós- Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: [https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis\\_Souza\\_Campello\\_2008b.pdf](https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis_Souza_Campello_2008b.pdf). Acesso em: 21 jun. 2022.

DUSO, L. *et al.* Modelização: uma possibilidade didática no ensino de biologia. **Revista Ensaio**. Belo Horizonte, v.15, n.02, 2013. p. 29-44. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/WkG47GMnWR7jL8FqsxMNdFv/?lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2022.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 3, p. 127-150, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/NN3yMpLvBXXjd3KcYQ384gp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24. ago. 2022.

GESSER, A. **LIBRAS? que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GOMES, E. M. L. S.; BENTES, T.; CALIXTO, H. R. S. A pedagogia como fundamental na educação de surdos: significações do corpo e as experiências visuais dos alunos surdos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v.7, n.3, set-dez de 2021. p. 1713-1731 (Dossiê Relatos de experiências e produção acadêmica). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/55381/40450>. Acesso em: 21 jun. 2022.

IPHAN. **Inventário Nacional da Diversidade Linguística**. Brasília, DF, 2017 Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl/noticias/detalhes/4198/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

JOAQUIM, Lída da Silva. **Inclusão no Ensino Superior**: o acesso de candidatos surdos ao Processo seletivo da Licenciatura em Letras Libras da UFPR. 2021. 1 recurso online Monografia (graduação) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em Letras Libras. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/73495>. Acesso em: 28 fev. 2023.

KNELLER, G. F. Dos dados às teorias. In: KNELLER, G. F. A ciência como atividade humana. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: EDUSP, 1980

KRAPAS, S., *et al.* Modelos: uma análise de sentidos na literatura de pesquisa em Ensino de Ciências. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 2, n. 3, 1997. p.185-205. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/627>. Acesso em: 24. ago. 2022.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos” : relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**. Pelotas (RS), n. 36, 2010. p. 175-195. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1606/1489>. Acesso em: 22. nov. 2022.

MACHADO, P. C. **A política educacional de integração/inclusão** : um olhar do egresso surdo. Florianópolis: EDUFSC, 2008.

MOREIRA, L. P. L. S. Elementos para uma pedagogia visual em geografia. RJ, 2022. **Revista Educação Geográfica em Foco**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, nov. 2022. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1817>. Acesso em: 05. dez. 2022.

NUNES, M. V.; PORTELA, M. G. As representações sociais da identidade surda e o direito ao reconhecimento. **Revista Mídia e Cotidiano**. [S.l.], v. 11, n.1, abril de 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9813>. Acesso em: 16. dez. 2022.

OLIVEIRA, S. Texto visual e leitura crítica : o dito, o omitido, o sugerido. **Linguagem & Ensino**, Pelotas (RS), v. 9, n. 1, 2006. p. 15-39. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15626/9813>. Acesso em: 22. nov. 2022.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 51-73.

PERLIN, G. T. T.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, n. 5. Florianópolis, n. 5, 2003. p. 217-226. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282>. Acesso em: 22. nov. 2022.

PERLIN, G. T. T.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Apostila da Disciplina Fundamentos da Educação de Surdos. Curso de Licenciatura em Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

ROMÁRIO, L.; DORZIAT, A. Considerações sobre a pedagogia visual e sua importância para a educação de pessoas surdas. **Revista Cocar**, [S.l.], v. 10, n. 20, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/963>. Acesso em: 21. jun. 2022.

ROSS, P. R. Aprendizagem e conhecimento: fundamentos para as práticas inclusivas. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 24, n. Especial, 2006. p. 273-299.

SKLIAR, C. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. *In*: SILVA; VIZIM. (org.). **Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 7-32.

SILVA, T. R. ; SILVA, B. R; SILVA, B. M. P. Modelização didática como possibilidade de aprendizagem sobre divisão celular no ensino fundamental. **Revista Thema**. Pelotas (RS), v. 15, n. 4, 2018. p. 1376-1386 Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1024>. Acesso em: 24. ago. 2022.

SILVA, M. J. V. T. Análise de uma prática pedagógica vislumbrada pela transposição didática e modelização. **Faz Ciência**. Francisco Beltrão (PR), v.4, n.1, 2002. p. 33-51 Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7450>. Acesso em: 24. ago. 2022.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E; SILVA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213838>. Acesso em: 18. nov. 2022.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: EDUFSC, 2008.

**APÊNDICE - “INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR:  
Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR”**

# **INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR**

Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR

Emilly Christine Moreira Barbosa



EMILLY CHRISTINE MOREIRA BARBOSA

# **INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURD@S NO ENSINO SUPERIOR**

Guia Prático de Orientações para Docentes da UFPR

CURITIBA, 2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SISTEMA DE BIBLIOTECAS –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Barbosa, Emilly Christine Moreira

Inclusão de estudantes Surd@s no ensino superior : guia prático de orientações para docentes da UFPR / Emilly Christine Moreira Barbosa. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Guia prático com orientações para ministração de aulas visando a inclusão de estudantes Surdos na UFPR. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Curso de Graduação em Geografia.

1. Ensino superior – Metodologia. 2. Prática de ensino. 3. Pedagogia visual. 4. Estudantes surdos. 5. Língua brasileira de sinais. 6. Letramento. I. Universidade Federal do Paraná. II. Curso de Graduação em Geografia. III. Título.

Bibliotecário: Elias Barbosa da Silva CRB-9/1894

## **AGRADECIMENTOS**

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lídia da Silva pela orientação que conduziu a elaboração deste material.*

*Ao meu amigo Renaldo Rocha pela parceria, por me permitir conhecer mais sobre a cultura surda e pelas tardes de estudos que me possibilitaram praticar as metodologias de ensino com foco na visualidade.*

*À equipe da SIPAD-UFPR, que contribuiu com a produção deste trabalho, em especial ao Sérgio Ferreira por colaborar com diálogos e com a produção da videoaula anexada na cartilha.*

*À minha família pelo apoio, amor, carinho, compreensão e incentivo para esta realização.*

## APRESENTAÇÃO

Como resultado da luta da comunidade surda, **o ingresso de Surdos nas universidades tem aumentado ao longo das últimas décadas.**

Por isso, devemos pensar: o que pode ser feito no âmbito do ensino superior (graduação e pós-graduação) para **promover a inclusão nos processos educativos?** Este é um desafio colocado para todos nós, e visando contribuir com este cenário, o presente material foi desenvolvido.

O objetivo desta cartilha é apresentar para você, professor(a), alguns **passos práticos para tornar seus procedimentos didáticos mais acessíveis e inclusivos** aos(as) estudantes Surdos(as).

Este produto pedagógico foi produzido visando a leitura online e, por isso, você encontrará links e botões clicáveis. Para uma melhor experiência, use o modo "**tela cheia**" do seu visualizador de documentos.

Apesar de este material ter sido desenvolvido visando o contexto da Universidade Federal do Paraná (UFPR), as orientações indicadas **podem ser aplicadas por docentes de outras instituições de ensino**, e as ações internas da UFPR apresentadas na cartilha podem servir de **exemplo para o desenvolvimento de novas ações** nestas instituições.

**Aproveite!**

## LISTA DE LINKS

SIPAD	<a href="http://www.sipad.ufpr.br/portal/">http://www.sipad.ufpr.br/portal/</a>
ATRIBUIÇÕES DOS(AS) TILS	<a href="http://www.sipad.ufpr.br/portal/atribuicoes-do-interpretes/">http://www.sipad.ufpr.br/portal/atribuicoes-do-interpretes/</a>
MATERIAIS DA TUTORIA	<a href="https://drive.google.com/drive/folders/1craPAAHWeYeYmvha7iP9HtKcZMDXtQIV?usp=share_link">https://drive.google.com/drive/folders/1craPAAHWeYeYmvha7iP9HtKcZMDXtQIV?usp=share_link</a>
RESOLUÇÃO N° 95-A/15	<a href="http://www.quimica.ufpr.br/paginas/graduacao/wp-content/uploads/sites/16/2018/11/resolucao-95-a-15-cepe-poa.pdf">http://www.quimica.ufpr.br/paginas/graduacao/wp-content/uploads/sites/16/2018/11/resolucao-95-a-15-cepe-poa.pdf</a>
PEXELS	<a href="https://www.pexels.com/pt-br/">https://www.pexels.com/pt-br/</a>
PIXABAY	<a href="https://pixabay.com/pt/">https://pixabay.com/pt/</a>
POWER POINT	<a href="https://chrome.google.com/webstore/detail/powerpoint-online/mdafamggmaaaginoondi njkgcbpnhp?hl=pt-BR">https://chrome.google.com/webstore/detail/powerpoint-online/mdafamggmaaaginoondi njkgcbpnhp?hl=pt-BR</a>
CANVA	<a href="https://www.canva.com/pt_br/">https://www.canva.com/pt_br/</a>
TUTORIAL CANVA	<a href="https://youtu.be/s78NnXD4TgU">https://youtu.be/s78NnXD4TgU</a>
CIPEAD	<a href="http://www.cipead.ufpr.br/portal/index.php/ufpr-hibrida/tecnologias-educacionais/">http://www.cipead.ufpr.br/portal/index.php/ufpr-hibrida/tecnologias-educacionais/</a>
CELIN	<a href="https://celin.ufpr.br">https://celin.ufpr.br</a>
NEL	<a href="http://www.letraslibras.ufpr.br/nel/">http://www.letraslibras.ufpr.br/nel/</a>
PROGEPE	<a href="http://progepe.ufpr.br/portal/">http://progepe.ufpr.br/portal/</a>
E-MAIL SIPAD	<a href="mailto:tilssiptilssipad@ufpr.br">tilssiptilssipad@ufpr.br</a>
E-MAIL ACOLHE	<a href="mailto:acolhe.sipad@ufpr.br">acolhe.sipad@ufpr.br</a>

# SUMÁRIO

## EIXO 1: PRIMEIROS PASSOS

<b>!</b>	<b>ENTENDENDO O(A) ESTUDANTE SURDO(A)</b>	07
<b>1</b>	<b>AULAS EXPOSITIVAS DIALOGADAS COM LIBRAS</b>	11
	➤ <b>TRADUTORES(AS) INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS (TILS)</b>	11
	➤ <b>TRADUÇÃO DE MATERIAIS</b> .....	20
<b>2</b>	<b>AULAS COM FOCO NA VISUALIDADE</b>	21
	➤ <b>PEDAGOGIA VISUAL</b> .....	21
	➤ <b>MODELIZAÇÃO</b> .....	24
	➤ <b>LETRAMENTO VISUAL</b> .....	26
<b>3</b>	<b>AVALIAÇÃO ACESSÍVEL</b>	29
	➤ <b>CONTAR COM OS(AS) TILS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO</b> .....	29
	➤ <b>FORMAS DE AVALIAÇÃO</b> .....	30

## EIXO 2: PROMOVEDO A INCLUSÃO

<b>1</b>	<b>ACIONE A TUTORIA</b>	35
<b>2</b>	<b>APRENDA LIBRAS</b>	37
<b>3</b>	<b>CONHEÇA A COMUNIDADE SURDA</b>	39
<b>4</b>	<b>ENVOLVA-SE E ENVOLVA O(A) ESTUDANTE SURDO(A)</b>	41
<b>5</b>	<b>COMBATA O OUVINTISMO</b>	42
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45



# **EIXO 1: PRIMEIROS PASSOS**



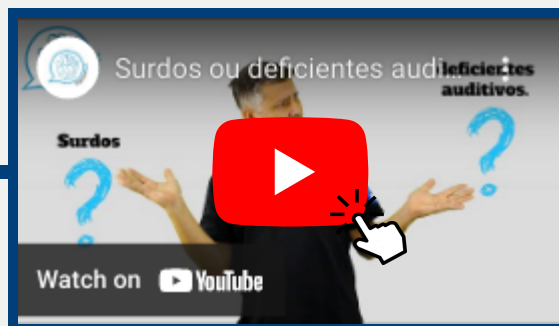
## ENTENDENDO O(A) ESTUDANTE SURDO(A) <sup>1</sup>

Professor(a), ao receber um(a) estudante Surdo(a) lembre-se:

1

Refira-se ao(à) estudante como **"Surdo(a)"**, pois muitos não se sentem confortáveis com a caracterização surdo(a)-mudo(a) ou "deficiente auditivo(a)". Veja:

- **Deficiente auditivo(a):** termo usual numa perspectiva patológica
- **surdo(a) - "s" minúsculo:** se refere à condição de não ouvir
- **Surdo-mudo:** desconsidera a capacidade de os(as) Surdos(as) emitirem sons
- **Surdo(a) - "S" maiúsculo:** o(a) caracteriza como sujeito cultural e político



2

Os(as) Surdos(as) possuem **identidade e cultura próprias**, que representam a forma como essas pessoas percebem, entendem e interagem com o mundo <sup>2</sup>.



<sup>1</sup> Para conhecer mais consulte:  
GESSER, A. LIBRAS? que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009  
NUNES, M. V.; PORTELA, M. G. As representações sociais da identidade surda e o direito ao reconhecimento. *Revista Mídia e Cotidiano*. [S.l.], v. 11, n.1, abril de 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9813>.

<sup>2</sup> "Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades Surdas." STROBEL, K. 2008. p.24.

3

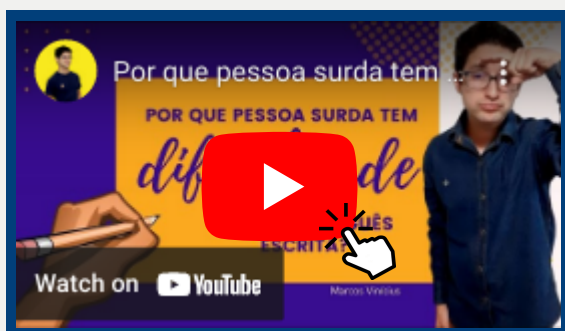


A Língua Brasileira de Sinais (**Libras**) é a forma de comunicação e expressão natural das pessoas Surdas do Brasil, e é um sistema linguístico visual-motor com estrutura gramatical própria, conforme a Lei 10.436/2002.

Assim, é necessário garantir a presença dos(as) Tradutores(as) Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) em sala de aula.



4



A língua portuguesa, na modalidade escrita, é a **segunda língua** dos(as) Surdos(a), e estes(as) possuem diferentes níveis de fluência leitora.

O contato dos(as) Surdos(as) com o português também está relacionado com experiências de oralização e leitura labial, mas nem todos(as) eles(as) as desenvolvem ou praticam.

Por isso, não peça leituras em voz alta, garanta a tradução dos textos da disciplina e adapte as atividades avaliativas para que estas sejam acessíveis.

Além disso, existem algumas **providências essenciais** que precisam ser tomadas assim que um(a) estudante Surdo(a) se matricula na disciplina que você, professor(a), irá ministrar.

## PENSE:

3



Se uma pessoa usa uma língua diferente da sua, o que você vai fazer para se comunicar com ela?

Como você poderá apresentar as aulas para que estas possam ir ao encontro das particularidades culturais dessa pessoa?

Através dessas perguntas, evidenciam-se os **desafios** colocados para o ser e fazer docente no contexto de uma sala de aula majoritariamente ouvinte com a presença de um(a) ou alguns(as) estudantes Surdos(as).

Existe um caminho a ser percorrido em relação aos encaminhamentos básicos necessários para esse contexto, além de reflexões e ações importantes para garantir a aprendizagem equânime entre os(as) discentes da turma.

## Vamos conhecer?

Na universidade, em muitos cursos, geralmente é inserido no plano de ensino os seguintes procedimentos didáticos:



✓ Leitura e discussão de texto teórico



✓ Aulas expositivas dialogadas

Com a presença de um(a) estudante Surdo(a) esse procedimento precisa ser organizado conforme abaixo:

## PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS



1 AULAS EXPOSITIVAS DIALOGADAS COM LIBRAS

2 PRODUÇÃO DE MATERIAL VISUAL

3 AVALIAÇÃO ACESSÍVEL

## 1 AULAS EXPOSITIVAS DIALOGADAS COM LIBRAS

Para proporcionar ao(à) estudante Surdo(a) compreensão dos assuntos abordados durante a disciplina, é necessário garantir a exposição de conteúdos e materiais em Libras.

### ▶ **TRADUTORES(AS) INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS (TILS)**

Na UFPR, você pode solicitar **TILS** à **SIPAD-UFPR**! É importante conhecer sobre o trabalho desses(as) profissionais e estabelecer conexão, trabalhando junto ao longo do período letivo.

#### Quem é a SIPAD?

Tutoria  
TILS  
Equipe Acolhe

Responsável por dar suporte às pessoas Surdas na UFPR

Atendimento aos direitos de diversos grupos socialmente subalternizados  
Ações afirmativas  
Reconhecimento da diferença e diversidade

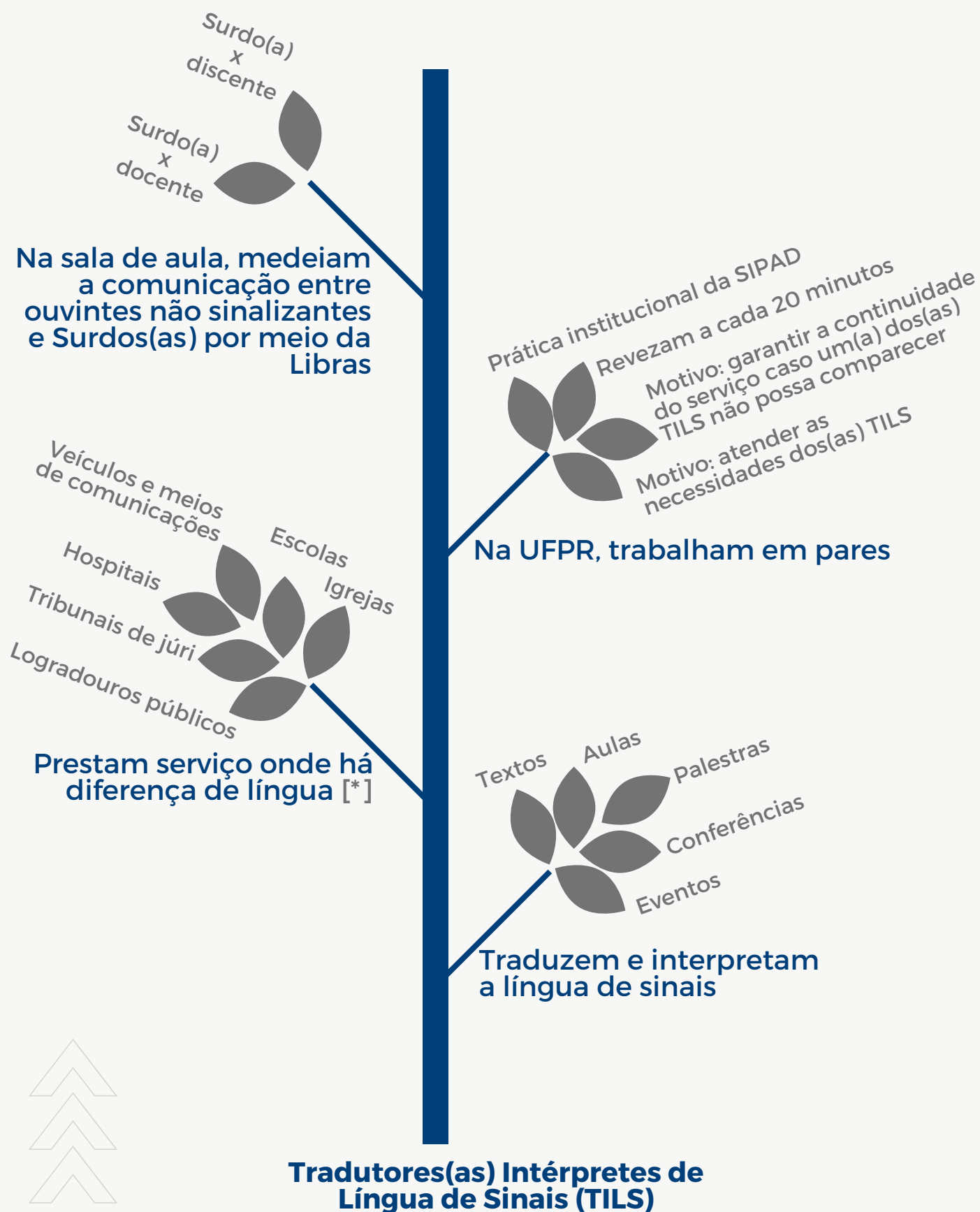
Desenvolve "políticas de promoção de igualdade e da defesa de Direitos Humanos"

**Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD)**

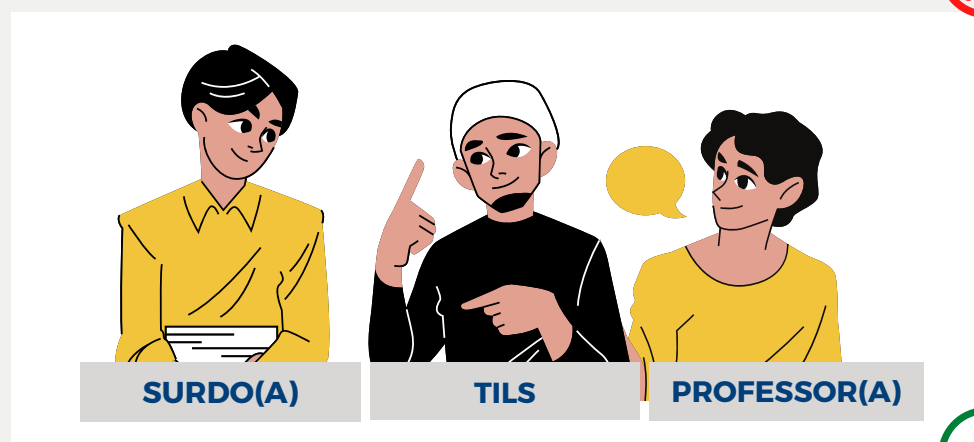
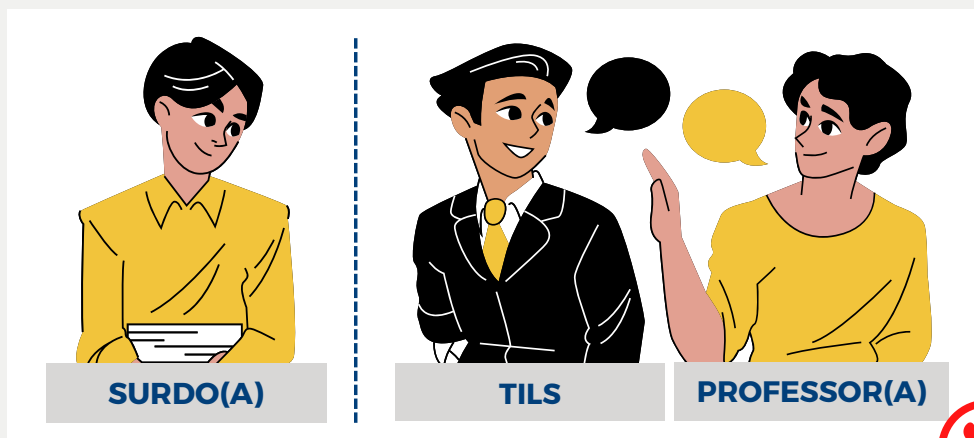
<http://www.sipad.ufpr.br/portal/>



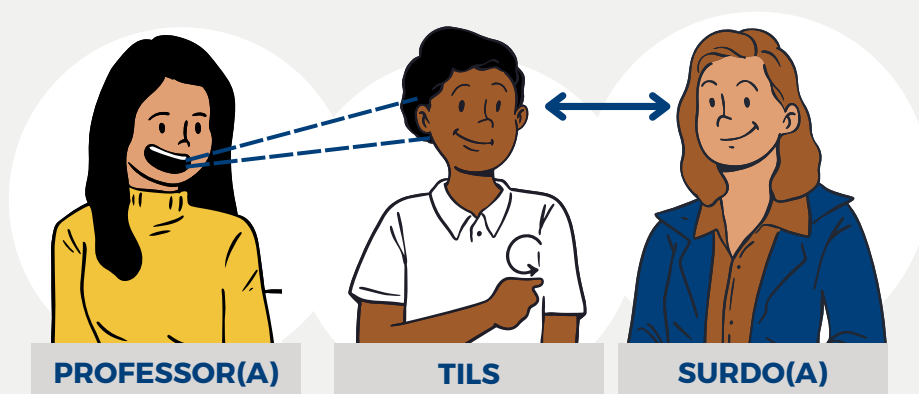
## Quem são os(as) TILS?



## Lembre-se:

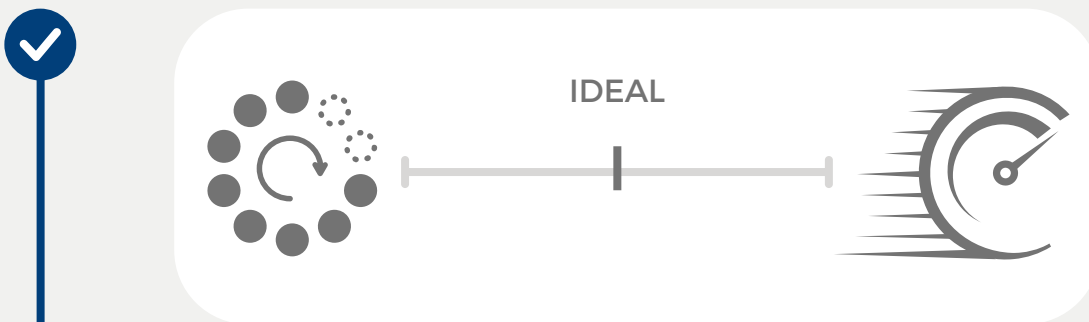


- Os(as) TILS não tomam o lugar do(a) estudante! O(a) estudante Surdo(a) não pode ficar em segundo plano. Priorize sempre buscar pelo(a) discente quando precisar orientá-lo(a), questioná-lo(a), informar alguma necessidade ou resolver alguma questão.



- Não se preocupe com o fato de o(a) estudante Surdo(a) não estabelecer contato visual com você. Ele(a) precisa estar constantemente olhando para os(as) TILS para receber o conteúdo exposto. Isso não significa que o(a) discente Surdo(a) está ignorando sua presença ou não está prestando atenção nas informações.

## FALA CALIBRADA



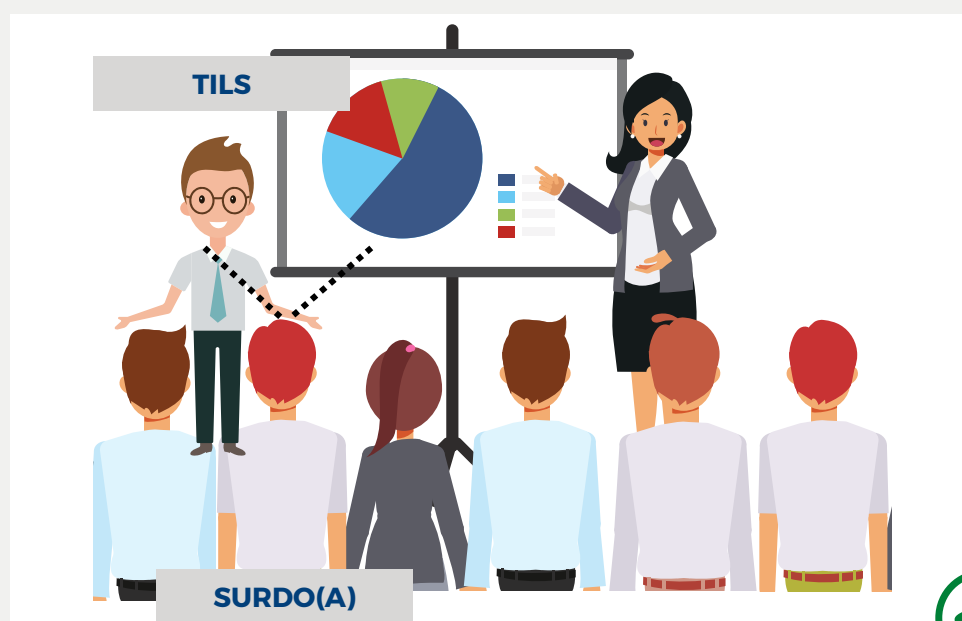
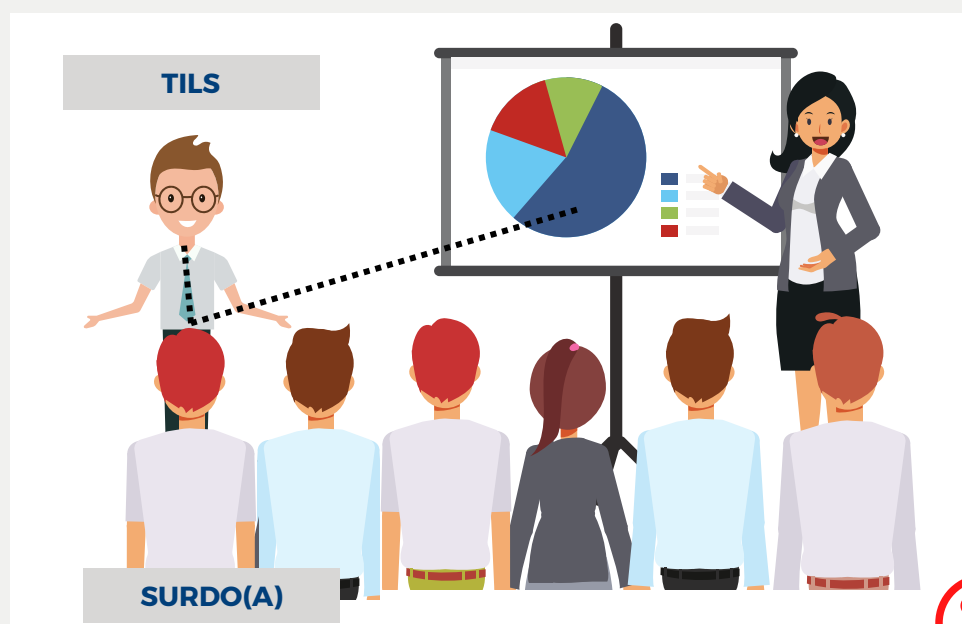
● **Não se deve falar rapidamente.** Apesar de os(as) TILS serem capacitados(as) para lidar com um bom fluxo de palavras, é importante garantir que a velocidade de sua fala não irá atrapalhar a construção de frases e ocasionar perda de informações importantes.

Tenha **cuidado com a velocidade muito lenta** também. As frases em Libras são construídas de maneira diferente em relação às frases do português. Por isso, os(as) TILs precisam, por vezes, analisar o contexto da fala para, posteriormente, construir blocos de informação.



● Os(as) TILS não são profissionais da área na qual medeiam a fala, por isso, enquanto ministra a aula, você pode contribuir com o processo de tradução **explicando conceitos específicos e palavras estrangeiras**. Muitas palavras que parecem corriqueiras no meio acadêmico e na sua área de pesquisa provavelmente serão novas para os(as) TILS e também para o(a) estudante Surdo(a). Além disso, ao citar palavras estrangeiras, é importante **escrevê-las no quadro**, pois assim o(a) estudante Surdo(a) pode visualizar e os(as) TILs também poderão realizar a datilologia<sup>6</sup> corretamente.

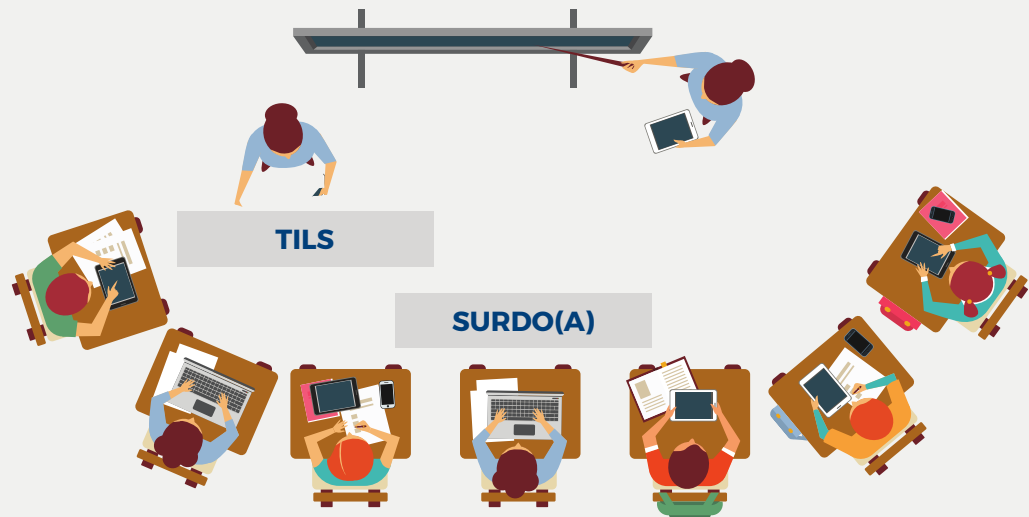
<sup>6</sup> "O alfabeto manual, utilizado para soletrar manualmente as palavras (também referido como soletramento digital ou datilologia) (...)" (GESSER, A. 2009, p. 28)



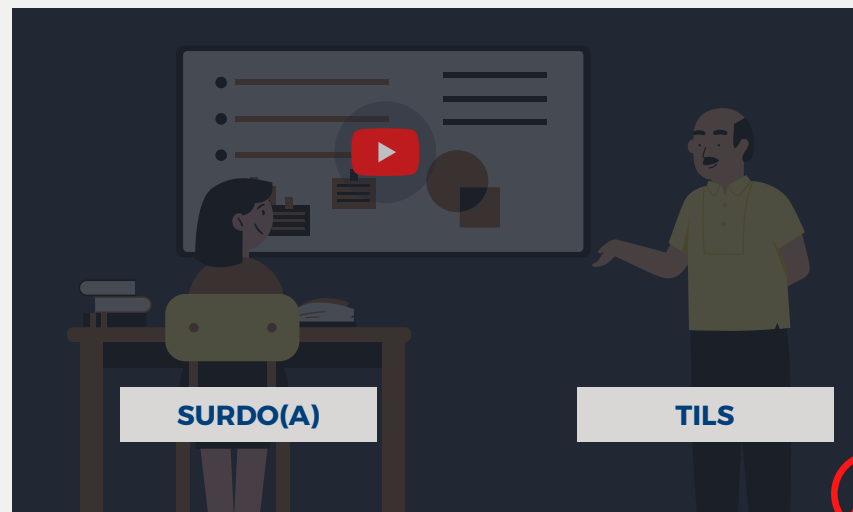
Os(as) TILS se posicionam em frente ao(à) estudante Surdo(a), que geralmente se senta na primeira fila de carteiras, por isso, é importante **estar atento(a) ao campo de visão do(a) discente Surdo(a)**.

Se suas explicações forem acompanhadas de *slides* com imagens, esquemas, gráficos, mapas ou outros elementos, é importante **convidar os(as) TILS para ficarem perto da apresentação, assim a visão do(a) estudante Surdo(a) será beneficiada**.

Além disso, antes de começar a explicação do *slide* é possível **aguardar** alguns segundos para que o(a) estudante Surdo(a) observe e apreenda as informações dispostas na apresentação.



É possível organizar a sala de aula em **semicírculo** para privilegiar o campo de visão do(a) discente Surdo(a).



Para que o(a) estudante Surdo(a) veja a sinalização dos(as) TILS é necessário que haja iluminação suficiente. Assim, caso deseje passar um vídeo em sala de aula ou passar um filme para provocar discussões, busque **garantir um feixe de luz que ilumine os(as) TILS.**

## Como solicitar TILS e agendar horários?

I. Acesse: <http://www.sipad.ufpr.br/portal/>

II. Clique em 'Intérpretes LIBRAS'

III. Clique em 'Solicitação de Tradução e Interpretação'

IV. Leia atentamente as informações disponibilizadas na página

V. Clique em 'Formulário de Solicitação'

VI. Uma nova página será aberta em seu dispositivo com o formulário. Preencha o documento com todas as informações necessárias.

VII. Salve o arquivo em seu dispositivo

VIII. Encaminhe o documento preenchido para o endereço de e-mail: [tilssipad@ufpr.br](mailto:tilssipad@ufpr.br)



<http://www.sipad.ufpr.br/portal/>



[tilssipad@ufpr.br](mailto:tilssipad@ufpr.br)



## Com quanto tempo de antecedência fazer a solicitação de TILS?

De acordo com a SIPAD, a solicitação deve ser feita com, no mínimo, 5 dias de antecedência. Se tratando de diversos encontros, como ocorre em relação às aulas, não é necessário fazer as solicitações semanalmente.

Basta, no formulário, indicar o período letivo e listar as datas e horários de início e de término das aulas. Veja o seguinte exemplo:

-Período da realização do evento: 10/02/2022 a 12/05/2022

-Datas e horários (iniciais e finais):

10/02/2022 - 9h00 às 11h30 (remoto)

17/02/2022 - 8h00 às 11h30 (presencial)

24/02/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

03/03/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

10/03/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

17/03/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

24/03/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

31/03/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

07/04/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

14/04/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

28/04/2022- 8h00 às 11h30 (presencial)

Data do trabalho de campo (15h) a ser definida

12/05/2022- Exame final (Avaliação)

Exemplo de preenchimento de formulário  
Fonte: Arquivo pessoal



## Sobre os horários e imprevistos:



Respeite os **horários pré-agendados**, sem ultrapassar o horário determinado para o término das aulas e intervalo.



Em casos de **cancelamento de uma aula**, entre em **contato com a gestão da SIPAD** e avise com o máximo de antecedência. Busque pelos contatos da equipe logo no começo do período letivo para ter a rápida comunicação quando surgir um imprevisto. É muito importante garantir que o(a) estudante Surdo(a) e todos os envolvidos, inclusive os(as) TILS, recebam essa informação.



Imprevistos acontecem, e os(as) TILS podem se **atrasar** em algum momento. Nesse caso, para garantir que o(a) estudante Surdo(a) participe da aula, você pode **esperar** alguns minutos e/ou **entrar em contato com a SIPAD** para que as devidas providências sejam tomadas.




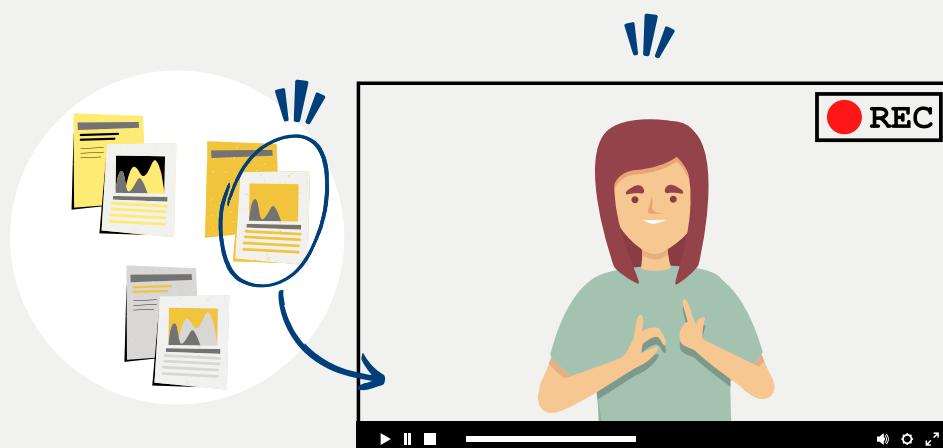
Se você perceber qualquer necessidade relacionada ao **atendimento** do(a) estudante Surdo(a), você pode entrar em contato com o Núcleo de Apoio e Acolhimento de Denúncias da SIPAD, chamado "ACOLHE" através do *e-mail*:

[acolhe.sipad@ufpr.br](mailto:acolhe.sipad@ufpr.br)



## ▶ TRADUÇÃO DE MATERIAIS

<p><b>O que fazer quando se prevê o uso de textos na disciplina?</b></p>	<p>É necessário encaminhá-los à SIPAD, que fará a tradução destes para que o(a) estudante Surdo(a) possa acessar o conteúdo dos materiais na íntegra. Basta encaminhar para o <i>e-mail</i>:</p> <p><b><a href="mailto:tilssipad@ufpr.br">tilssipad@ufpr.br</a></b></p> 
<p><b>Quanto tempo leva para os textos serem traduzidos?</b></p>	<p>1 (um) mês</p>
<p><b>Por que a tradução de textos demora para ser feita?</b></p>	<p>Conforme informado pela SIPAD:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Estudo do texto para garantir o melhor entendimento do conteúdo;</li><li>• Falta de estrutura física própria para a gravação de vídeos com a tradução do texto;</li><li>• Prioridade às demandas presenciais [atendimento aos(as) Surdos(as) em sala de aula, eventos, reuniões, etc.].</li></ul>
<p><b>Como organizar o uso de textos na disciplina?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• No início do semestre, fazer uma seleção minuciosa dos materiais que serão utilizados na disciplina;</li><li>• Encaminhar para a SIPAD solicitando a tradução;</li><li>• Utilizar em sala de aula somente quando o(a) estudante Surdo(a) tiver recebido o material traduzido.</li></ul>



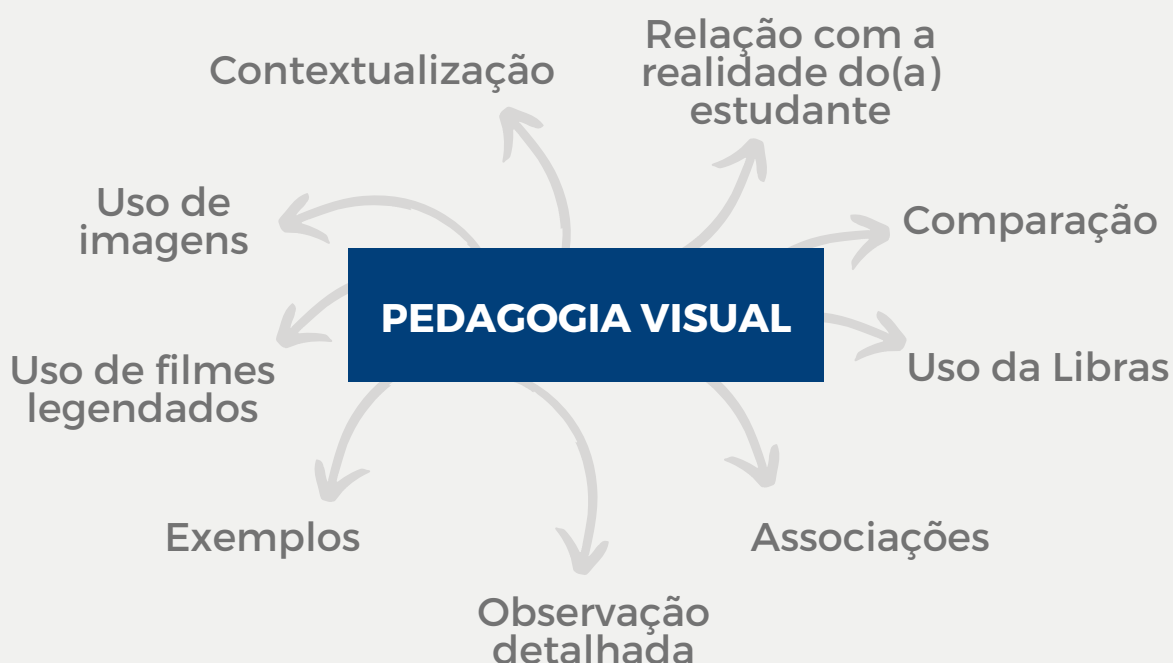
## 2 AULAS COM FOCO NA VISUALIDADE

Os(as) Surdos(as) são pessoas que estabelecem uma relação visual com os contextos ao seu redor<sup>7</sup>. Assim, você, docente, pode desenvolver algumas práticas em sala de aula utilizando metodologias que focam na visualidade, como forma de valorizar a diferença e contribuir com o processo de inclusão do(a) estudante Surdo(a) no ensino superior. Essas metodologias são:



### ► PEDAGOGIA VISUAL <sup>8</sup>

A pedagogia visual valoriza a visualidade do(a) Surdo(a) através de práticas que não se restringem ao âmbito imagético, mas a tudo que compõe sua percepção visual, como comparações, exemplificações, associações, etc.



<sup>7</sup> STROBEL, K., 2008.

<sup>8</sup> CAMPELLO, A. R. S., 2008.  
MOREIRA, L. P. L. S., 2022.

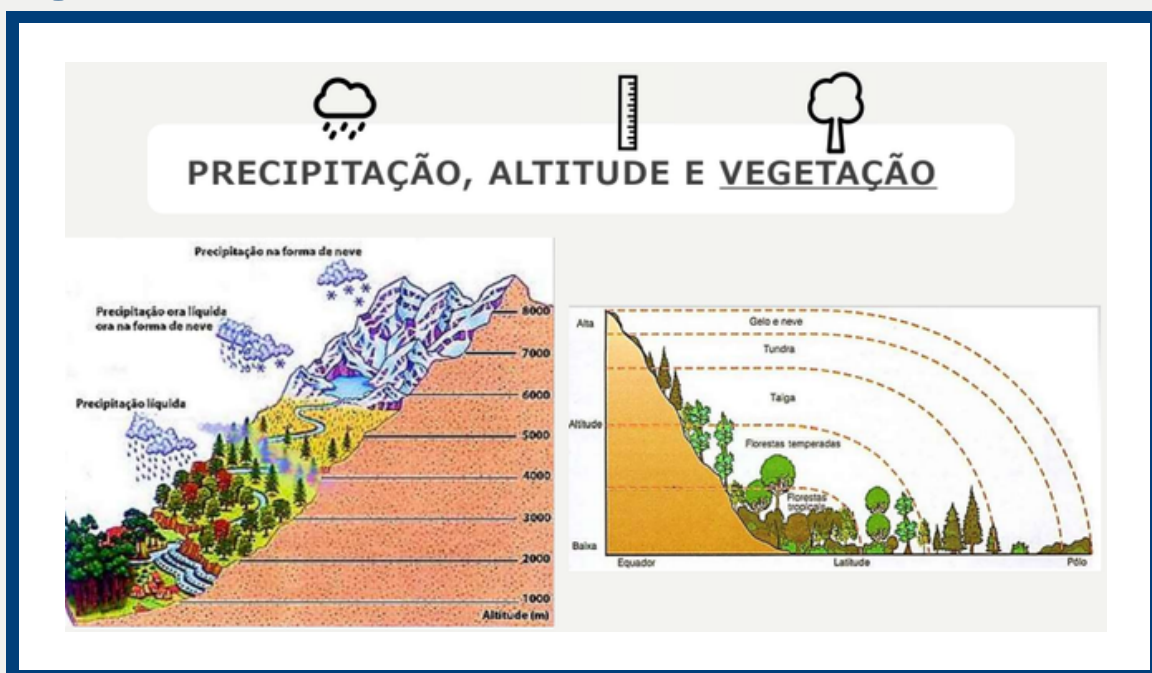
## EXEMPLOS | PEDAGOGIA VISUAL

- ✓ Aulas de de campo
- ✓ Visitas técnicas
- ✓ Experimentos em sala de aula e em laboratório



Aulas de campo do curso de Geografia - UFPR  
Fonte: Arquivo pessoal

- ✓ Uso de imagens



Uso de imagens em slides como forma de explicação  
Fonte: Arquivo pessoal



## Relacionar a realidade e a experiência

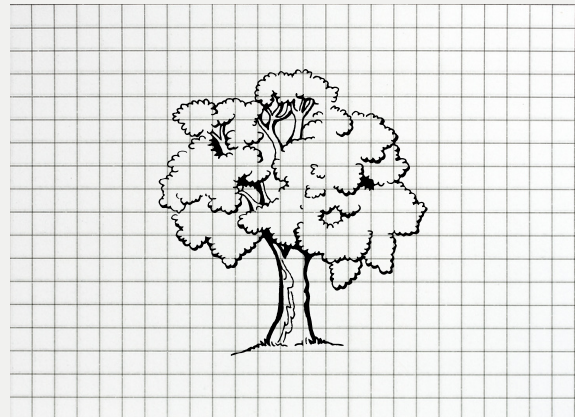
A experiência pode ajudar no entendimento do conceito de escala cartográfica, por exemplo:

I. Por meio do desenho de um objeto grande em uma superfície pequena (papel).



Fonte: Canva

**REALIDADE**



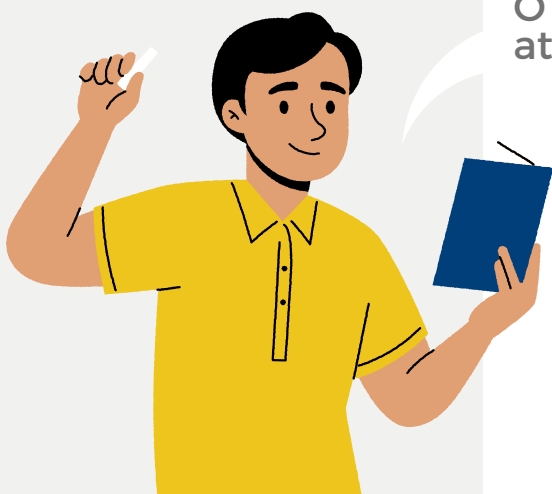
Fonte: Canva

**REPRESENTAÇÃO**

II. Por meio de explicação comparativa

Usamos X centímetros no papel para representar X metros do objeto real

O mesmo processo ocorre na cartografia, através das escalas...



Fonte: Canva

**REALIDADE**

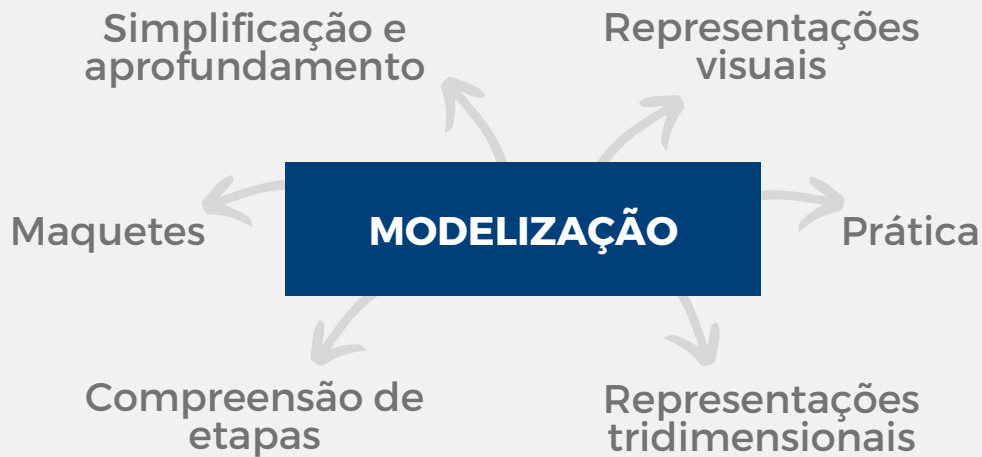


Fonte: Canva

**REPRESENTAÇÃO**

## ➤ MODELIZAÇÃO<sup>9</sup>

O uso de alguns tipos de modelos também contribuem com o processo de aprendizagem e valorizam a experiência visual quando propõem representações de modelos mentais e/ou científicos.



## EXEMPLOS | MODELIZAÇÃO

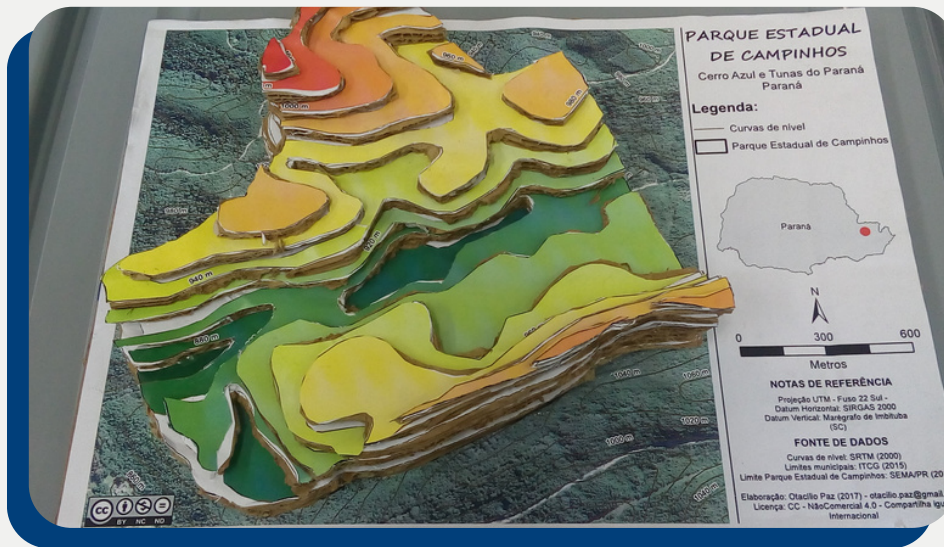
- ✓ Uso de representações visuais (imagens)



Representação das camadas da Terra  
Fonte: Canva

<sup>9</sup> Gilbert e Boulter (1996, *apud* Krapas, et. al. 1997).  
KNELLER, G. F., 1980.

✓ Uso de representações tridimensionais



Maquete do Parque Estadual de Campinhos  
Fonte: Arquivo pessoal

✓ Simplificação seguida de aprofundamento



Material de apoio para tutoria  
Fonte: Arquivo pessoal

## ▶ LETRAMENTO VISUAL<sup>10</sup>

O letramento visual torna os elementos visuais protagonistas no processo educativo, sendo a interpretação dos recursos visuais essencial para garantir a compreensão dos significados e sentidos envolvidos na abordagem.



## EXEMPLOS | LETRAMENTO VISUAL

### ✓ Uso de gráficos em teia



Exemplo de gráfico em teia  
Fonte: Arquivo pessoal

<sup>10</sup> LEBEDEFF, T. B., 2010, FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C., 2017



Uso de tabelas



Interpretação de imagens

**HUMBOLDT**



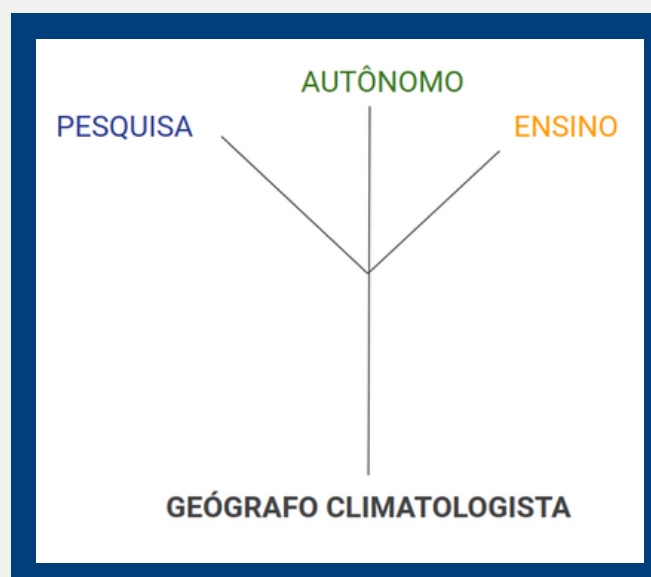

---

- Pai da Geografia 
- Foco na natureza 
- Usava o **método descritivo** 
- Fundamentos: **generalização e correlação** (latitude, altitude, temperatura, tipo de vegetação, espécies) 
- Foco: **FORMAS** da paisagem (morfológico) **FUNCIONAMENTO** da paisagem (fisiológico) 

Material de apoio para tutoria  
Fonte: Arquivo pessoal



Uso de gráficos em árvore



Material de apoio para tutoria  
Fonte: Arquivo pessoal

## Quais recursos utilizar para desenvolver materiais ricos em elementos visuais?

### ✓ IMAGENS LIVRES DE DIREITOS AUTORAIS

*Sites* como o **Pexels** e o **Pixabay** disponibilizam diversas imagens que podem ser baixadas gratuitamente! Basta digitar no campo de pesquisa o que você gostaria de ver e baixar a imagem em seu dispositivo. Depois disso, é só colar em seu arquivo. Clique nos ícones abaixo para acessar os sites!



### ✓ FERRAMENTA DE CRIAÇÃO DE *SLIDES*

Além do *PowerPoint*, também é possível utilizar o *Canva*, que é uma ferramenta completa e acessível para a criação de *slides*. Entrando no *site* e criando uma conta pessoal, você tem acesso a diversos recursos de imagem, como fotos, elementos, fontes e muito mais, tudo livre de direitos autorais. Clique nos ícones abaixo para acessar as ferramentas ou para assistir um tutorial do Canva.



### ✓ CIPEAD

No *site* da Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a Distância (CIPEAD) existe uma página com indicações de ferramentas digitais para a construção de diferentes tipos de materiais, muitos deles que vão ao encontro da proposta pedagógica visual. Para ter acesso, basta clicar no ícone abaixo:



### 3 AVALIAÇÃO ACESSÍVEL

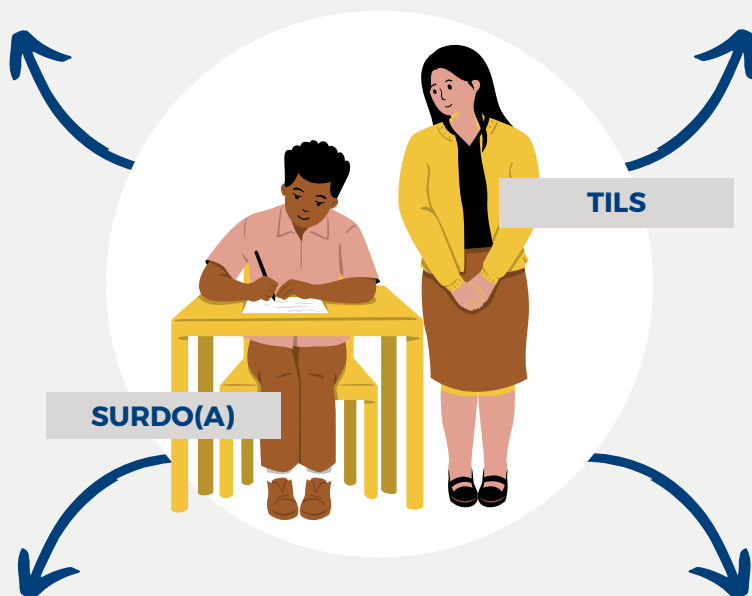
Professor(a), quais formas avaliativas você geralmente planeja para a disciplina?

Caso utilize atividades escritas ou prova escrita no processo de avaliação é importante adotar algumas estratégias para a acessibilidade linguísticas dos(as) estudantes Surdos(as):

#### ► CONTAR COM OS(AS) TILS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Em uma prova escrita, o papel dos(as) TILS é traduzir as orientações do(a) professor(a) e mediar o diálogo entre discente e docente no caso de haver dúvidas.

Os(as) TILS também precisarão traduzir os enunciados que estiverem em português.

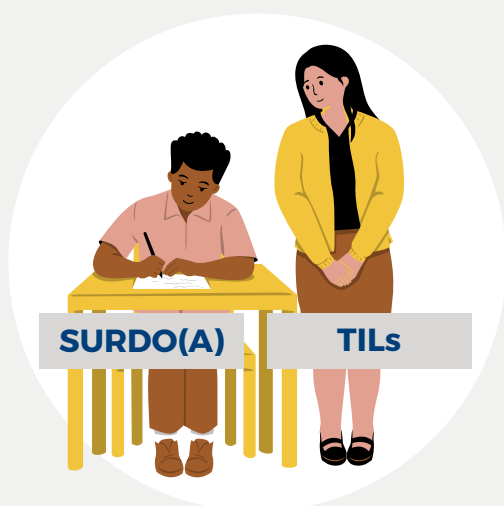


Se a elaboração de atividades em grupo for parte dos métodos avaliativos da disciplina, é importante disponibilizar momentos dentro do horário da aula para que os(as) TILS possam mediar o diálogo entre o(a) estudante Surdo(a) e os(as) colegas de equipe.

Explicar o significado de palavras do português desconhecidas pelo(a) Surdo(a). Nesse sentido, pode-se entender que os(as) TILS atuam como um dicionário contextualizado no momento em que são aplicadas provas ou atividades avaliativas.

## ▶ FORMAS DE AVALIAÇÃO

Para além disso, existem algumas formas de desenvolver um processo avaliativo acessível aos(as) estudantes Surdos(as), dentre as quais:



### Provas objetivas na modalidade escrita

I. Monte uma avaliação objetiva;

II. Realize em sala de aula junto com os(as) demais discentes na presença dos(as) TILS;

III. Aguarde os(as) TILS traduzirem as questões que estão em português para Libras para o(a) estudante Surdo(a). Esteja disponível para o caso de dúvidas em relação aos enunciados;

IV. Aguarde o(a) Surdo(a) responder as questões na folha de respostas, desde que as perguntas sejam objetivas.

### Provas na modalidade falada

I. Crie uma avaliação e reserve um horário e local para que o(a) estudante Surdo(a), você e o(a) TILS se encontrem;

II. Realize as perguntas oralmente para o(a) Surdo(a), e estas serão traduzidas do português para Libras pelos(as) TILS;

III. O(a) estudante responderá as perguntas em Libras, e estas serão traduzidas para o português oralmente pelos(as) TILS.



## Prova em vídeo



I. Produza a avaliação;

II. Encaminhe para a SIPAD;

III. No dia da avaliação, apresente ao(a) estudante Surdo(a) os vídeos em Libras;



IV. Ofereça mecanismos para que o(a) discente Surdo(a) possa responder em vídeo, em Libras;



V. Encaminhe as respostas do(a) estudante para a SIPAD;

VI. Avalie o(a) estudante ao receber as traduções em texto ou áudio.



## Em casos de avaliações dissertativas, lembre-se:

- ✓ O português não é a língua natural do(a) Surdo(a)
- ✓ O(a) Surdo(a) pode encontrar algumas dificuldades para se expressar em avaliações dissertativas
- ✓ O conteúdo deve ser considerado em detrimento da escrita, não comprometendo a avaliação

Exemplos reais da escrita de um estudante Surdo no contexto do curso de Geografia:

IMPORTANTE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ  
TAMBÉM “CAMINHO DE VIAMÃO”



Aqui o Surdo indicou a importância do Caminho de Viamão no processo de desenvolvimento do Paraná.

PARALISIA CEREBRAL PC MULHER GEOGRAFIA  
PRIMEIRO FORMA LITORAL UFPR

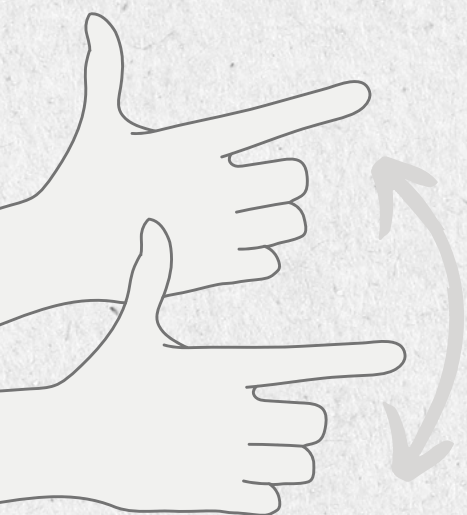


Aqui o Surdo se referiu à notícia de que a primeira estudante com paralisia cerebral se formou pelo Setor Litoral da UFPR no curso de Geografia.

- ✓ O(a) Surdo(a) escreve dessa forma porque em Libras faz uso dos sinais, dentro de uma estrutura gramatical diferente
- ✓ É possível perceber a proximidade com o conteúdo mas a ausência de conectivos, por exemplo
- ✓ Os(as) Surdos(as) não são iguais! Alguns(as) tem maior facilidade e outros maior dificuldade com o uso do português na modalidade escrita

No vídeo abaixo você terá acesso ao conteúdo sobre a **diferença entre o português e a Libras**, que é o motivo pelo qual a situação acima exemplificada ocorre. Veja:





## **EIXO 2: PROMOVENDO A INCLUSÃO**

Após os passos essenciais serem dados, você, professor(a), pode dar contribuições como **agente institucional da inclusão**.

A educação de Surdos(as) no Brasil tem ainda consequências do congresso de Milão<sup>11</sup>, e, nesse sentido, por conta da falta de acesso às informações em Libras, os(as) estudantes são prejudicados(as) nos conteúdos, **embora não tenham qualquer limitação cognitiva**.

Na UFPR há índices de reprovação e evasão de Surdos(as). Por isso, é importante conhecer **iniciativas de sucesso**, que visam superar essas defasagens.

## PENSE:

12



Como entrar no mundo do(a) Surdo(a)? Como pensar como ele(a)?

Como contribuir com a permanência de estudantes Surdos(as) no Ensino Superior?

Através dessas perguntas, fica evidente a necessidade de **compreender e mergulhar na cultura surda** e também em sua história! Nessa busca podemos conhecer mais sobre essas pessoas e traçar possibilidades para a equidade no processo de aprendizagem em sala de aula.

## Vamos lá?

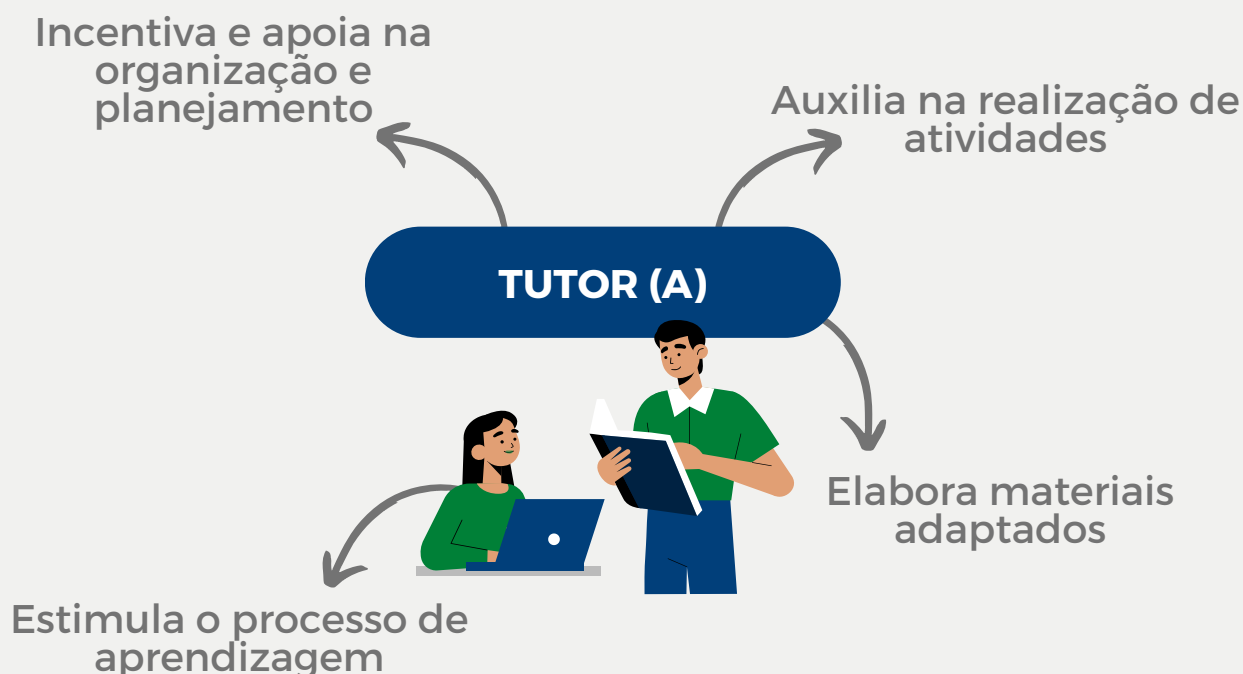
<sup>11</sup> Para conhecer mais consulte: PERLIN, G. T. T.; STROBEL, K. Fundamentos da Educação de Surdos. Apostila da Disciplina Fundamentos da Educação de Surdos. Curso de Licenciatura em Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

<sup>12</sup> DAIGLE, M.; DAIGLE, K. That deaf guy.

## 1 AÇÃO A TUTORIA <sup>13</sup>

A tutoria faz parte de uma política de oferta da SIPAD que busca estudantes para darem **suporte** a outros(as) discentes que possuem algum tipo de deficiência ou dificuldades em relação às disciplinas do curso. Entretanto, fica a critério do(a) estudante Surdo(a) optar ou não por essa tutoria. É importante que você, professor(a) apresente a tutoria para o(a) discente Surdo(a), assim ele saberá que pode ter um apoio maior para estudar os conteúdos da sua disciplina.

### Qual é o papel do(a) tutor(a)?



### Materiais adaptados desenvolvidos na tutoria

Os(as) tutores(as) podem buscar desenvolver alguns materiais visuais que sejam complementares às aulas, servindo, por exemplo, para a revisão. Veja alguns exemplos de materiais que foram elaborados na tutoria de um estudante Surdo do curso de Geografia:

**MATERIAIS DE ESTUDO | TUTORIA**



## Como o(a) docente pode contribuir com a tutoria?

É possível contribuir de algumas formas com a tutoria do(a) estudante Surdo(a):



I. Estando em contato com o(a) tutor(a): busque saber suas necessidades e quais dificuldades tem sido apresentadas pelo(a) discente Surdo(a) em sua disciplina;

II. Realizando uma seleção de conteúdos e/ou materiais que o(a) tutor(a) pode trabalhar com o(a) estudante Surdo(a);



III. Dialogar e envolver o(a) estudante Surdo(a) na realidade acadêmica, junto com o apoio do(a) tutor(a).



## POA (Programa de Orientação Acadêmica)

A resolução nº 95-A/15 do CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) estabelece o POA como sendo um programa de tutoria em que os(as) docentes dos cursos de graduação e de educação profissional acompanham o processo de formação de estudantes, integrando, orientando e informando os mesmos.

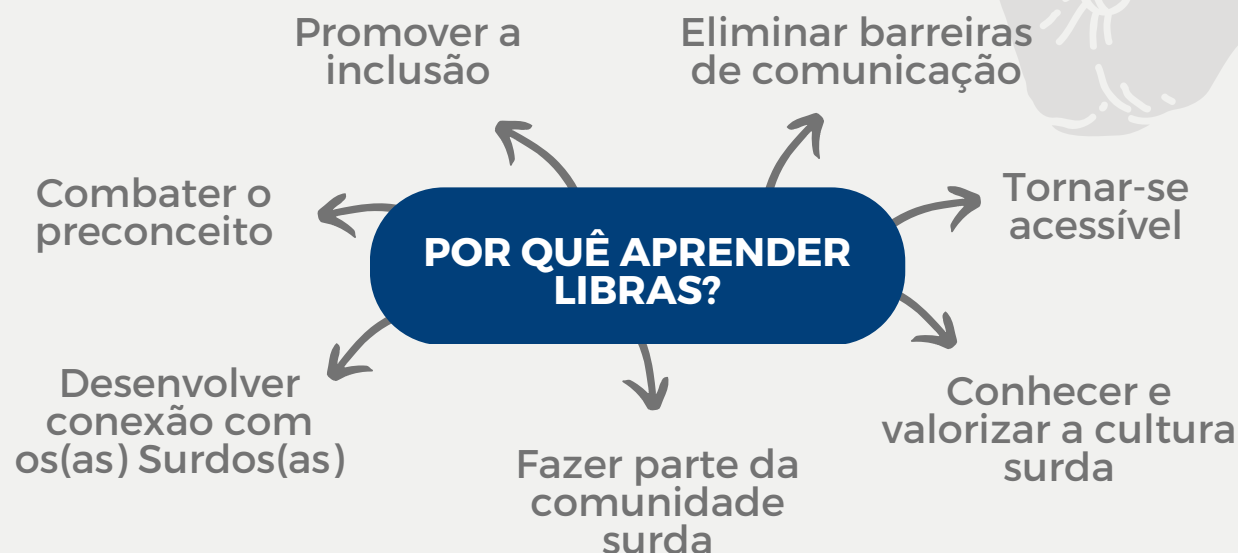
Você, professor(a), pode conhecer mais sobre o POA através do *link* abaixo e se envolver como tutor(a) do(a) discente Surdo(a) que acompanha.

**RESOLUÇÃO N° 95-A/15**



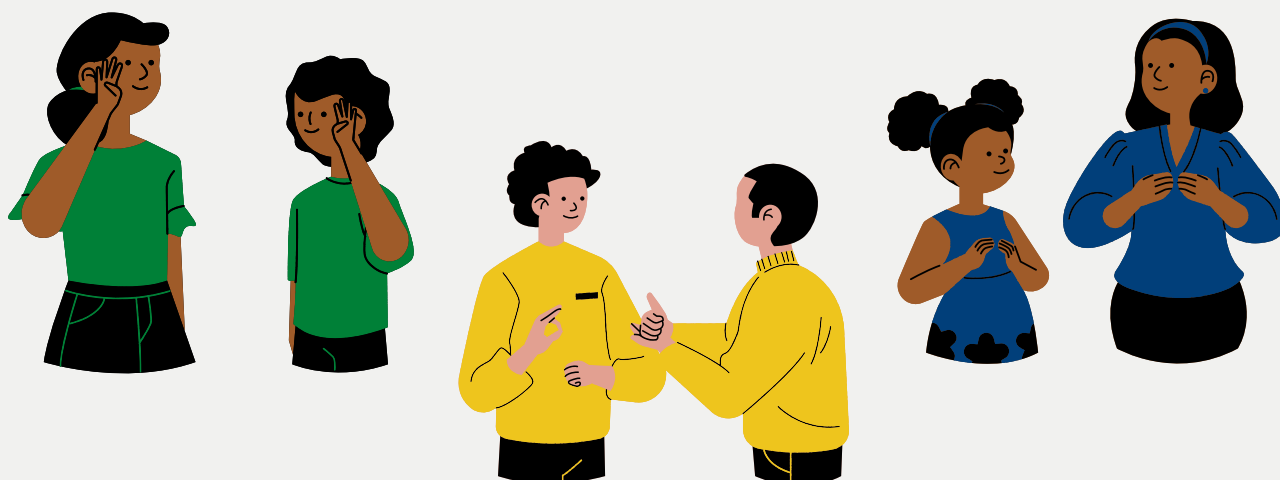
## 2 APRENDA LIBRAS

Saber se comunicar diretamente com o(a) estudante Surdo(a) te ajudará a se conectar com ele(a). Você sabe Libras ou já teve o desejo de aprender?



A Universidade Federal do Paraná (UFPR) oferece algumas oportunidades para o estudo da Libras. De acordo com a Resolução nº 45/22, Art. 3º, é objetivo da Política Linguística da UFPR:

"auxiliar a realização de atividades que promovam o ensino e a aprendizagem de diferentes línguas na UFPR, incluindo a **Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**, a língua portuguesa para estrangeiros e brasileiros e línguas indígenas"



## Quais são os cursos de Libras ofertados pela UFPR?

Algumas possibilidades de cursos são:

### ✓ **NEL: Núcleo de Ensino de Libras**

O NEL é um órgão da UFPR que atua com atividades de extensão voltadas para o ensino de Libras. Dentre elas é ofertado um curso gratuito de nível básico, médio e avançado com duração de um ano cada (100 horas cada).

Conheça mais sobre o NEL e sobre o curso de Libras:



INSCRIÇÃO



MAIS  
INFORMAÇÕES

### ✓ **CELIN: Centro de Línguas e Interculturalidade**

o Celin é um órgão da UFPR que oferta cursos de línguas como atividade de extensão. Dentre eles é ofertado um curso pago de Libras com 60 horas de duração.

Contato: [celin@funpar.ufpr.br](mailto:celin@funpar.ufpr.br)



INSCRIÇÃO



MAIS  
INFORMAÇÕES

### ✓ **Progepe: Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas**

A PROGEPE também já ofertou cursos de Libras em anos passados. Para se manter atualizado(a), acesse:



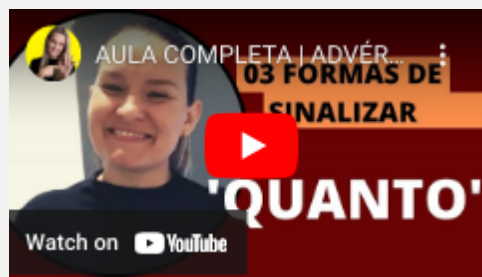
MAIS  
INFORMAÇÕES

### 3 CONHEÇA A COMUNIDADE SURDA

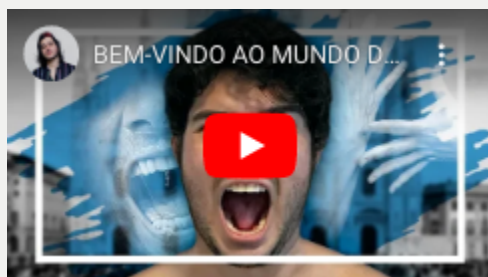
Conhecer sobre a cultura e comunidade surda te ajudará a entender melhor sobre o(a) estudante. Para isso, você pode visitar perfis de pessoas Surdas na *internet*. Através deles é possível **conhecer** muito sobre a cultura e sobre o cotidiano dos(as) Surdos(as), além de aprender Libras e outros conteúdos. Veja abaixo algumas indicações:



[ISFLOCOS](#)



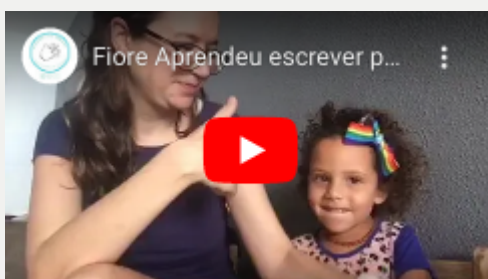
[PROFª PAULA](#)



[BETO CASTEJON](#)



[INVESTLIBRAS](#)



[O DIÁRIO DA FIORELLA](#)



[ANGELA GIRARDI](#)





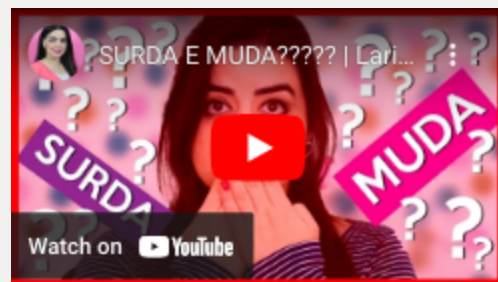
**POUPE COM ESTILO**



**OLHOS CAROS**



**GERMANO DUTRA JR**



**LARISSA JORGE**



**É LIBRAS**



**LÉO VITURINNO**



**ACESSÍVEL CASAL**



**COZINHANDO EM LIBRAS**



## 4 ENVOLVA-SE E ENVOLVA O(A) ESTUDANTE SURDO(A)

Você, docente, pode se engajar com projetos e diálogos voltados para a difusão de experiências acerca da inclusão dentro da universidade, assim como pode contribuir com o envolvimento do(a) estudante Surdo(a) na comunidade acadêmica. Veja:

### ENVOLVIMENTO DO(A) DOCENTE

- Busque conhecer sobre o ensino para Surdos(as) na universidade

- Troque experiências, dialogue, e entre em contato com outros docentes e com o(a) estudante

- Isso é possível através da participação em projetos desenvolvidos pela SIPAD que promovem rodas de conversa sobre diversos assuntos entre professores(as) e estudantes

- Promova no curso oficinas e outros eventos que informem acerca da cultura e pedagogia surda

### ENVOLVIMENTO DO(A) ESTUDANTE SURDO(A)

- Desenvolva o diálogo e apresente sua área de pesquisa

- Esclareça as formas como o(a) estudante Surdo(a) pode fazer parte dos seus projetos de pesquisa

- Esteja disponível para ajudá-lo com possíveis dúvidas ou inseguranças

- Ao promover oficinas e outros eventos que informem acerca da cultura e pedagogia surda, envolva o(a) estudante no planejamento e execução

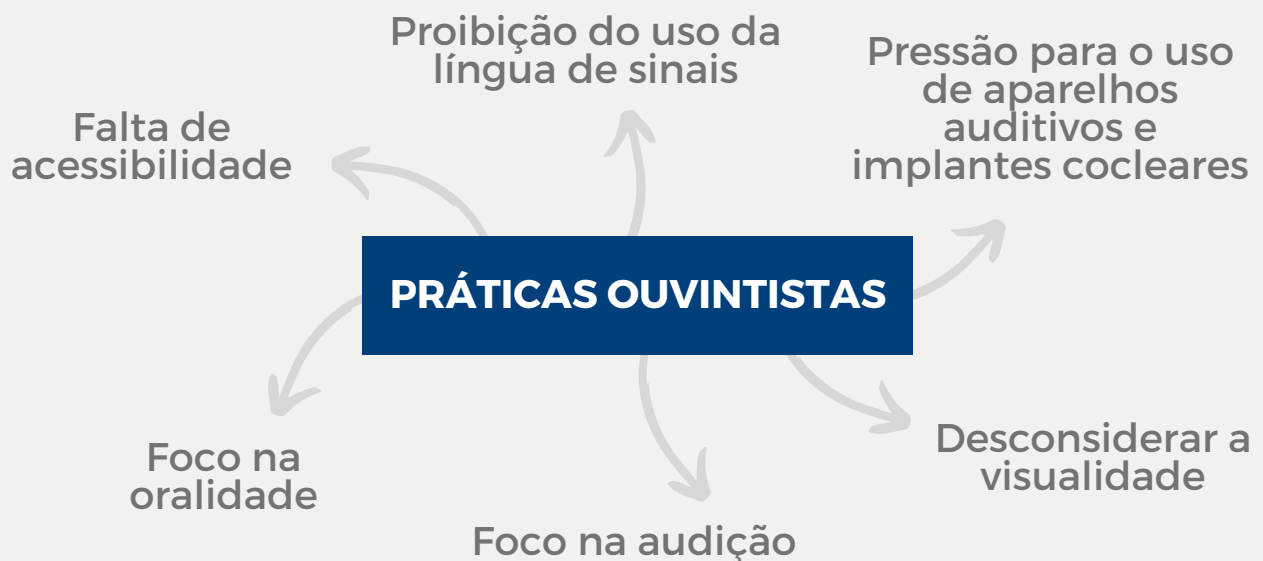
## 5 COMBATA O OUVINTISMO

Quando a cultura e a diferença dos(as) Surdos(as) são desconsideradas e quando se buscam meios de normalizar essas pessoas devido a uma perspectiva voltada para a deficiência, ocorrem práticas ouvintistas.

No vídeo abaixo você terá acesso ao conteúdo sobre **ouvintismo**. Veja:



Na aula, destacam-se algumas práticas ouvintistas:



Você, professor(a), pode contribuir para que o ouvintismo seja suprimido no ambiente acadêmico. Conforme abordado na aula, algumas das formas de combater o ouvintismo são:

**COMO COMBATER O OUVINTISMO**



Reconhecer a pessoa Surda enquanto sujeito

Não dar foco à deficiência e ao ouvido



Reconhecer a língua que a pessoa Surda usa

Reconhecer legalmente e socialmente a língua de sinais



Não exercer práticas que proíbem o uso da língua de sinais

Oportunizar ao(a) estudante Surdo(a) a realização de registros (trabalhos e avaliações) em língua de sinais



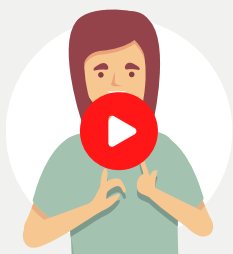
Não focar na oralidade

Exigir a circulação da língua de sinais



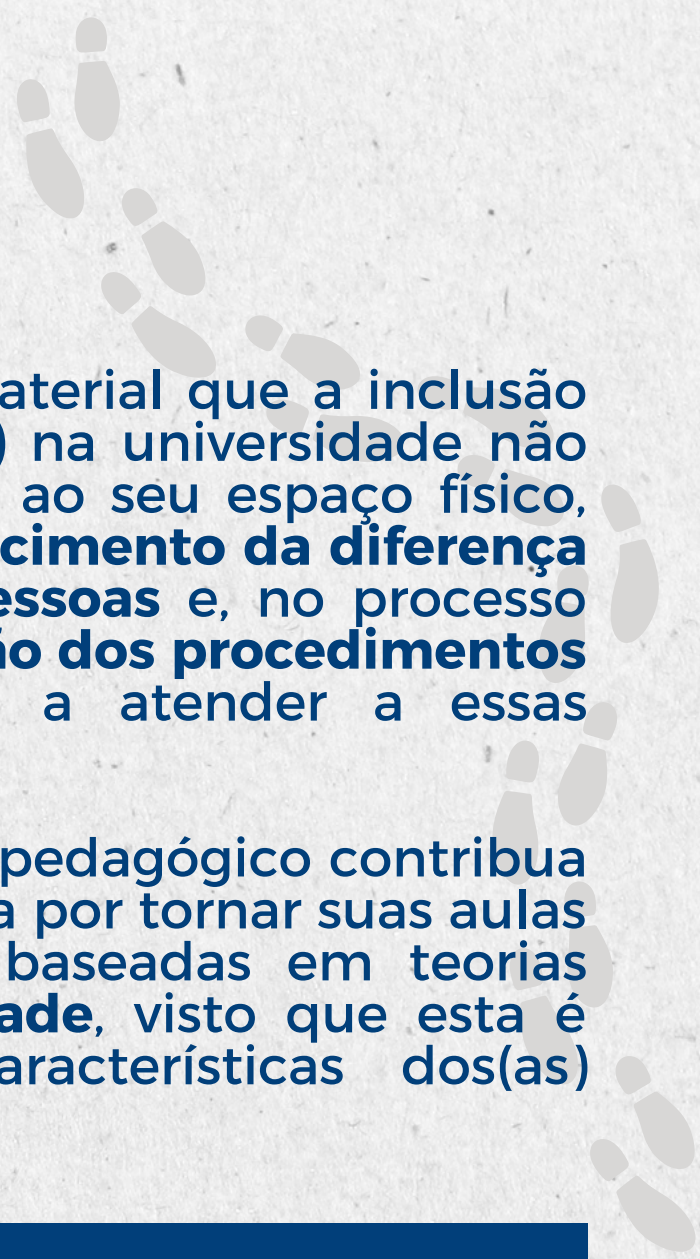
Usar metodologias que priorizam a visualidade

Se valer de imagens, destaques, interpretações, exemplos



Promover a acessibilidade

Incentivar a inclusão da Libras em todos os materiais que circulam na comunidade acadêmica



Vimos ao longo desse material que a inclusão de estudantes Surdos(as) na universidade não envolve apenas o acesso ao seu espaço físico, mas demanda o **reconhecimento da diferença que caracteriza essas pessoas** e, no processo de ensino, requer a **revisão dos procedimentos pedagógicos**, de forma a atender a essas particularidades.

Espero que este produto pedagógico contribua com sua jornada na busca por tornar suas aulas **acessíveis e inclusivas**, baseadas em teorias que dão foco à **visualidade**, visto que esta é uma das principais características dos(as) Surdos(as).

**Lembre-se que você, professor(a) tem o poder de mudar o mundo, diminuir a dor e melhorar a vida das pessoas Surdas.**

**Isso é fazer ciência!  
Isso é ser professor(a) universitário(a)!**

## REFERÊNCIAS

CAMPELLO, A. R. S. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos**. Florianópolis: UFSC, 2008. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós- Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: [https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis\\_Souza\\_Campello\\_2008b.pdf](https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis_Souza_Campello_2008b.pdf). Acesso em: 21. jun. 2022.

DAIGLE, M.; DAIGLE, K. That deaf guy. In: RANGEL, G. M. M. **Surdos sinalizantes: acesso ao currículo**. Alvorada (RS): IFPR, [2020?]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/77175937-Surdos-sinalizantes-acesso-ao-curriculo-profa-mcs-gisele-maciel-monteiro-rangel-professora-libras-ifrs-campus-alvorada-doutoranda-ppge-ufpel.html>. Acesso em: 22. nov. 2022

DAIGLE, M.; DAIGLE, K. That deaf guy. In: Facebook: **Surdalidade** (Comunidade). Disponível em: <https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/966689483363638/?-type=3&theater>. Acesso em: 22. nov. 2022

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 3, p. 127-150, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/NN3yMpLvBXKjd3KcYQ384gp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24. ago. 2022.

CESSER, A. **LIBRAS? que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

KNELLER, G. F. Dos dados às teorias. In: KNELLER, G. F. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar; São Paulo: EDUSP, 1980.

KRAPAS, S., et al. Modelos: uma análise de sentidos na literatura de pesquisa em Ensino de Ciências. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 2, n. 3, 1997. p.185-205. Disponível em: <https://ienci.ifufrgs.br/index.php/ienci/article/view/627>. Acesso em: 24. ago. 2022.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos” : relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**. Pelotas (RS), n. 36, 2010. p. 175-195. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1606/1489>. Acesso em: 22. nov. 2022.

MOREIRA, L. P. L. S. Elementos para uma pedagogia visual em geografia. RJ, 2022. **Revista Educação Geográfica em Foco**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, nov. 2022. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1817>. Acesso em: 05. dez. 2022.

NUNES, M. V.; PORTELA, M. G. As representações sociais da identidade surda e o direito ao reconhecimento. **Revista Mídia e Cotidiano**. [S.l.], v. 11, n.1, abril de 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9813>. Acesso em: 16. dez. 2022.

PERLIN, G. T. T.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Apostila da Disciplina Fundamentos da Educação de Surdos. Curso de Licenciatura em Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: EDUFSC, 2008.